



O Músico Profissional.

Liberdade Artística *versus* Sustentabilidade Financeira.

António Paulo Lucas de Vasconcelos e Sanches

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Gestão Cultural

Orientadora: Professora Doutora Sandrine Milhano; Co-orientador: Professor Doutor Mário Caeiro

Setembro de 2016

***Até o mais profundo silêncio tem sempre uma
musicalidade premente, ávida e irrequieta, para nos
preencher a alma e o coração...***

O Músico profissional. Liberdade Artística *versus* Sustentabilidade Financeira.

Copyright - “A Escola Superior de Artes e Design do Instituto Politécnico de Leiria tem o direito arquivar, reproduzir e divulgar esta dissertação através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado e de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor’.

António Paulo Lucas de Vasconcelos e Sanches

Agradecimentos

Não posso deixar de agradecer à minha mãe, Margarida Sanches, todo o apoio que me deu ao longo dos meus estudos académicos. Obrigado mãe.

Agradeço ainda profundamente a Ana Lúcia Ferreira por todos os seus sábios esclarecimentos.

Um agradecimento muito especial à minha orientadora de tese – Doutora Sandrine Milhano – pela sua disponibilidade e incentivo, bem ao meu co-orientador Doutor Mário Caeiro.

Não posso também deixar de agradecer a todos os músicos profissionais que colaboraram no estudo de caso levado a cabo (Elsa Gomes, Sérgio Fernandes, Mário Carreira, João Maneta e Ana Sofia Brito).

Por último, agradeço à minha namorada Ana Marta Crespo toda a ajuda e apoio incondicionais.

Aproveito para dedicar este estudo a todos os músicos profissionais que, com maior ou menor reconhecimento da sociedade em geral, se entregam a esta profissão tão exigente, de corpo e alma.

Paulo Sanches.

Resumo:

Este trabalho debruça-se sobre músicos profissionais.

Como objetivo geral pretende-se compreender o percurso de um músico profissional.

Ademais, e como objetivos mais específicos pretende-se: a) identificar as especificidades pessoais e profissionais do músico profissional; b) caracterizar o modo de vida dos músicos profissionais; e c) conhecer a perceção dos músicos acerca da sua atividade profissional e consequente relevância na sociedade.

Nesse âmbito, além do mais, equacionaremos a liberdade artística que o músico tem para escolher os seus projetos musicais e, na falta da mesma, se é obrigado a realizar trabalhos que se prendem apenas com objetivos puramente económicos.

Afere-se também sobre a perceção que os próprios músicos têm sobre a sua atividade profissional e de que forma é enquadrada na sociedade em geral, ou seja, com que olhos se vêem e com que olhos são olhados.

Considerando os objetivos supra citados, propõe-se a realização de um estudo de carácter qualitativo e interpretativo que procura identificar interações existentes entre as vivências individuais e os indicadores mais relevantes no âmbito desta problemática.

O instrumento de recolha de dados incide na entrevista semiestruturada, individual, assente num guião previamente construído com vista a recolher todas as informações necessárias que nos permitam refletir e responder aos objetivos inerentes ao estudo.

Por fim, importa-nos realçar as conclusões emanadas da análise das entrevistas e perceber de que modo respondem aos objetivos do estudo previamente definidos, aferindo se permitem ou não um esclarecimento cabal das nossas curiosas dúvidas aquando da escolha do tema em questão.

Face ao que decorre das entrevistas levadas a cabo no presente estudo, pode-se concluir, além do mais, que o gosto musical surge precocemente, sendo que o meio envolvente e a dinâmica musical de determinado local bem como as amizades inerentes ao mesmo justificam uma maior inclinação para esta forma de arte.

Outra conclusão a assinalar, prende-se com o facto de todos os entrevistados considerarem o seu percurso profissional tão natural que não lhes permite definir o momento exato da sua profissionalização efetiva.

No seu dia-a-dia, as suas atividades são similares: ensaiar repertório, dedicar tempo de estudo ao instrumento base de cada um e preparar o melhor possível as suas atuações tendo em vista o público para que vão atuar. Reconhecem, contudo, que a sua liberdade artística, na maior parte das vezes, cede perante a necessidade de auferir rendimentos estáveis.

Todos os entrevistados enfatizaram o facto de não auferirem um rendimento fixo, estando este, sempre dependente do número de trabalhos que desempenham. Aliás, consideram ser este o maior problema e o principal entrave da profissão.

Mesmo assim e concluindo, todos eles e sem exceção, não abandonariam a profissão apesar da precariedade financeira a que estão sujeitos.

Palavras chave:

- Música;
- Músico profissional;
- Liberdade artística;
- Sustentabilidade financeira.

Abstract:

This work focuses on professional musicians.

As a general objective this study aims to understand the path of a professional musician.

Moreover, and as more specific objectives are intended to: a) identify the personal and professional specificities of professional musicians; b) characterize the way of life of professional musicians; and c) know the perception of the musicians about their professional activity and consequent relevance in society.

In this context, moreover, we try to understand if the professional musician has artistic freedom to choose his musical projects or if he is moved by purely economic goals.

We also try to understand what perception do musicians have about themselves and their professional activity, and how they are looked by society in general: with what eyes they see themselves and how they are seen by community eyes.

Considering the above mentioned objectives, it is proposed to carry out a qualitative and interpretative character study that seeks to identify interactions between individual experiences and the most important indicators in this issue.

The data collection instrument focuses on semi-structured interviews, individually, based on a script previously constructed in order to collect all the necessary information to allow us to reflect and respond to the objectives of this study.

Finally, we take the conclusions from the analysis of the interviews and we try to understand in which way they respond to the study objectives previously defined, to see if they whether or not allow a thorough clarification of our curious questions when we chose the topic of the thesis.

In view of the results from the interviews conducted in this study, it can be concluded, moreover, that the musical taste comes early, and the surroundings and musical dynamics of the specific place and friendships of the musician justify the bigger inclination to this art form.

Another conclusion to report, relates to the fact that all respondents consider his career so natural that does not allow them to define the exact time of their actual professionalization

In its day-to-day, their activities are similar: rehearse repertoire, take time to study each base instrument and prepare the best possible their actions in view of the public that will act. They recognize, however, that their artistic freedom, in most cases, is overridden by the need of obtaining stable yields.

All respondents emphasized the fact that they not earn a fixed economic income, because it is always dependent on the number of acts they perform. In fact, they all consider this to be the biggest problem and the main obstacle of the profession. Still and concluding, all of them, without exception, would not leave the profession despite all the financial precariousness.

Keywords:

- Music
- Professional musician;
- Artistic freedom;
- Financial sustainability.

ÍNDICE

<u>Agradecimentos</u>	I
<u>Resumo</u>	II
<u>Abstract</u>	IV
<u>I – Introdução</u>	1
I) <u>O Homem: um ser cultural e social</u>	5
1.1. Contextualização histórica.....	5
1.2. Conceito de Cultura: reflexão teórica.....	5
1.3. Cultura e socialização.....	8
1.3.1. A hereditariedade e o meio social.....	9
II) <u>A construção da identidade cultural enquanto memória coletiva</u>	10
2.1 A identidade cultural e o consumo na sociedade actual.....	10
2.2. A identidade pessoal e social - O autoconceito como modelo Identitário.....	12
2.3. Identidades profissionais.....	14
2.4. Identidades musicais.....	15
III) <u>A Música: elemento cultural de expressão artística</u>	19
3.1. O Músico profissional: especificidades.....	19
3.2. Contextos de aprendizagem da Música.....	23
3.3.O papel social e educacional da Música na sociedade atual.....	24
IV) <u>Liberdade artística e a sustentabilidade financeira do músico profissional</u> ..	26
4.1. A Música enquanto fonte de rendimento: carreira profissional.....	26
V) <u>Metodologia</u>	28
5.1 Metodologia da investigação e contexto do estudo.....	28
5.2. Participantes	30
5.3. Instrumentos e técnicas de recolha de dados: o Guião de entrevista semiestruturada	30

5.4. O concreto guião de entrevista semiestruturada utilizado no presente estudo de caso.....	31
VI) <u>Estudo de caso: cinco músicos profissionais da zona de Leiria.....</u>	36
6.1. . Apresentação dos dados das entrevistas	36
6.1.1. Entrevista a Elsa Gomes	36
6.1.2. Entrevista a Sérgio Fernandes	39
6.1.3. Entrevista a Mário Carreira	41
6.1.4. Entrevista a João Maneta	44
6.1.5. Entrevista Ana Sofia Brito.....	46
6.2. Análise e discussão dos dados das entrevistas	49
6.2.1. Caracterização dos entrevistados.....	50
6.2.2. Percurso Profissional.....	50
6.2.3. Tipo de trabalhos e liberdade artística versus aspetos remuneratórios e sustentabilidade financeira.....	52
6.2.4. Visão do panorama musical e imagem pessoal e social do músico.....	55
VII) <u>Conclusões.....</u>	57
VIII) <u>Bibliografia.....</u>	62
IX) <u>Anexos</u> (transcrição integral das cinco entrevistas realizadas pela ordem de registo audio).....	66

I- Introdução

Esta proposta de trabalho surge no âmbito do Mestrado em Gestão Cultural da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha do I P Leiria.

Tem como objetivo principal conhecer o modo de vida do músico profissional, compreendendo o seu percurso de vida. Perceber a maneira como vive, as suas dificuldades, medos e alegrias, o que tem concretamente que fazer para construir a sua carreira profissional, qual o equilíbrio que faz entre liberdade artística e sustentabilidade financeira.

Na realidade pretende-se entender o enquadramento na sociedade do músico profissional, como agente cultural ativo que é. Conhecer a sua perceção ao nível profissional e pessoal e conseqüente relevância na sociedade.

Numa sociedade onde a Música assume um papel cada vez mais importante, quer a nível sociocultural, educacional, quer a nível económico e político, constata-se que a maior parte dos estudos realizados incidem, essencialmente, nos recetores da Música.

No seu sentido mais lúdico, é talvez a maior e mais abrangente forma de entretenimento do mundo, com visíveis repercussões económicas no que diz respeito à parte discográfica, direitos autorais e atuações ao vivo.

Independentemente do domínio, género ou estilo, quer se goste ou não, a Música encontra-se presente de forma transversal e universal na sociedade.

Note-se que, a Música e os músicos precisam de uma audiência. Efetivamente, as obras musicais dependem da procura, assumindo esta uma importância vital para a carreira profissional do músico.

Em Portugal assiste-se a um desequilíbrio entre o consumo e a importância da Música na sociedade e o retorno efetivo a nível financeiro do músico profissional, o que, desse ponto de vista, poderá pôr em causa a sua sustentabilidade.

É neste sentido que é pertinente direcionar esta investigação para um dos mais importantes atores desta gigantesca indústria: o músico profissional. Este será entendido enquanto responsável pela composição, reprodução, interpretação da Música, percorrendo desde os pequenos bares rurais ou urbanos, casamentos, festas religiosas até aos grandes festivais, bem como, pelas gravações em estúdio da Música que nos chega através da rádio, televisão, CDs e outros formatos digitais.

A expectativa e curiosidade são elevadas em perceber como vivem e se reveêm os músicos profissionais, por vezes envoltos em algum mistério e poucas vezes alvo de reflexão.

Esta temática surge, efetivamente, da necessidade de uma análise que, mesmo que modestamente, evidencie critérios e diretrizes, no âmbito da caracterização, quer do músico profissional enquanto ser individual, quer da sua atividade profissional enquanto fonte de rendimento e sustentabilidade financeira, em determinado contexto histórico-espacial. A Música

será entendida, pois, enquanto fonte de rendimento promotora de uma carreira profissional e pessoal.

Toda a problemática, bem como a construção do modelo de investigação, basear-se-á na pesquisa bibliográfica que permita enquadrar e analisar o objeto de estudo.

Numa primeira parte incide-se na análise do homem enquanto ser cultural e social por excelência. Far-se-á uma breve contextualização histórica. Analisa-se do ponto de vista teórico o conceito de cultura, bem como, o de socialização problematizando a importância da hereditariedade e do meio social na construção do indivíduo integrado numa determinada sociedade. Para enquadramento teórico analisam-se autores que parecem pertinentes para a problemática, nomeadamente, Raymond Boudon (1995) na precisão da definição do conceito de cultura, assente na pluralidade e diversidade; Augusto Santos Silva (1994) reforçando o conceito de cultura enquanto condição fundamental da existência da humanidade; Michel Maffesoli (s.d.) dando a conhecer várias dimensões da vida do quotidiano em constante reconstrução; Peter Worsley (1983) e Guy Rocher (1989) contribuindo para clarificar o conceito de socialização enquanto processo de aquisição e interiorização de conhecimentos e condutas; Anthony Giddens (1994) fazendo a análise e desconstrução do conceito de sociedade; Sérgio Grácio e Stephen Stoer (1982) demonstrando de que forma a transmissão cultural faz parte do nosso quotidiano e determina os diversos agentes educativos enquanto instituições objetivas e reais; e por fim, Pierre Bourdieu (2001) na defesa da importância da personalidade do indivíduo enquanto estrutura mental que influencia e determina as vivências e escolhas futuras do indivíduo.

Numa segunda parte tenta-se compreender o processo de construção identitário. Relaciona-se o conceito de identidade cultural e consumo, pela pertinência na atualidade. Define-se o conceito de identidade pessoal e social, bem como, o autoconceito como modelo identitário em permanente metamorfose. Procura-se explicar e explicitar as identidades profissionais e musicais no âmbito do objeto de estudo. Para enquadramento teórico destaca-se Livia Barbosa e Colin Campbell (2006) que revelam a importância do consumo na sociedade atual enquanto atividade básica e com diversas repercussões no percurso de vida, vivências, gostos e preferências do indivíduo; Bryan Turner (1989) demonstrando como Max Weber concebe as relações de poder em interação com as relações sociais e, conseqüentemente, como se interliga a reprodução cultural com a reprodução social em que o conceito de status se reveste de particular importância como agente diferenciador na estrutura social; Manuel Castells (2003) ajuda a definir o conceito de identidade pessoal e social; Ricardo Vieira (2000) contribui para aperfeiçoar a definição do conceito de identidade pessoal como seres multiculturais que somos; Maria Costa (1991) problematizando a relação do Eu com o outro na construção identitária, Emile Durkheim (s.d.), importante na defesa das representações enquanto símbolos da vida coletiva e mental dos indivíduos; A. Costa Firmino (2001) analisando a pertença a um grupo social, com determinadas características comuns, no qual o indivíduo se compreende e se descobre enquanto Eu particular; Alain Touraine que defende a subjetividade do Eu e a pluralidade cultural

no seio de uma sociedade de massas globalizada; Max Weber, problematizando a relação do sujeito com a vivência social.

Numa terceira parte, e após breves considerações sobre a música como elemento de expressão artística, tenta-se definir as especificidades do músico profissional, ao nível da composição, interpretação e produção da Música, no âmbito da sua liberdade artística. Analisam-se, também, os processos de gestão, marketing e divulgação da Música que contribuem para a sustentabilidade financeira do músico profissional, bem como, a importância da iniciativa empresarial responsável pela criação de espaços lúdicos e culturais de promoção da Música ao vivo. Por outro lado, define-se e caracteriza-se os contextos de aprendizagem da Música e evidencia-se o seu papel social e educacional na sociedade atual.

Numa quarta parte caracteriza-se o modo de vida do músico profissional, com todas as suas vivências e experiências que lhe são peculiares no seio da liberdade artística. Entende-se a Música enquanto fonte de rendimento, promotora de uma carreira profissional.

Numa quinta parte apresentamos o modelo de análise e toda a metodologia que lhe é inerente. Assim, descreve-se a metodologia da investigação assente num estudo interpretativo e de carácter qualitativo integrado no estudo de caso a realizar.

Para a construção do modelo de análise incide-se, sobretudo, em Judith Bell, Raymond Quivy, e Laurence Bardin, analisando o método da entrevista semiestruturada a utilizar como instrumento de recolha de dados e toda a sua construção e diretrizes orientadoras, bem como, clarificando todo o procedimento da análise de conteúdo, no âmbito do estudo de caso, a utilizar no tratamento da informação recolhida (Bell, 2008; Quivy, 1992 e Bardin, 1977).

Numa sexta parte analisa-se o percurso de vida de cinco músicos profissionais da região de Leiria mediante um guião de entrevista semiestruturada que permita fazer análise de conteúdo e categorizar dados relevantes em função da nossa problemática.

Por fim, e na sétima parte, apresentam-se as conclusões possíveis relativamente ao método de recolha de dados e análise de conteúdo, bem como relações e inter-relações com toda a problemática e objeto de estudo, numa tentativa de dar resposta aos objectivos da presente investigação.

Como objetivo geral pretende-se em suma compreender o percurso de um músico profissional. Ademais, e como objetivos mais específicos pretende-se: a) identificar as especificidades pessoais e profissionais do músico profissional; b) caracterizar o modo de vida dos músicos profissionais; e c) conhecer a perceção dos músicos acerca da sua atividade profissional e consequente relevância na sociedade.

Espera-se, assim, responder aos objetivos delineados por via da realização deste estudo de carácter qualitativo e interpretativo, e contribuir de alguma forma para um conhecimento efetivo do modo de vida do músico profissional, dos seus medos e anseios, das suas crenças e vivências do quotidiano.

Em síntese, pretende-se identificar as especificidades do músico, no âmbito de uma identidade pessoal, artística e profissional, inserida em determinado contexto sociocultural,

problematizando, além do mais, o equilíbrio, ou não, entre a sua liberdade artística e sustentabilidade financeira.

I) O Homem: um ser cultural e social

1.1. Contextualização histórica

O século XX constitui um período caracterizado por grandes progressos e avanços técnicos e científicos, com repercussões no mundo artístico e em todas as áreas do conhecimento humano.

Note-se que em meados do século XX, o ensino torna-se obrigatório e gratuito em vários países, representando uma maneira de inculcar valores e disciplina, enquanto os meios de comunicação constituíam veículos de uma cultura de massas transmitindo modelos de vida e determinadas ideologias.

Através deste acumular de conhecimentos, neste período complexo, abre-se caminho para a criação de novos conceitos no campo das Artes.

A produção artística do final do século XIX e início do século XX foi extremamente peculiar e profícua pelas suas inovações em vários domínios.

Destacam-se, assim, como acontecimentos marcantes as duas grandes guerras mundiais, o desenvolvimento da tecnologia industrial e o desenvolvimento dos meios de comunicação. Tais fatores marcaram, significativamente, o modo como o homem se vê a ele próprio e como interage no tecido social, processo este que vivencia desde a sua origem.

Com todo o desenvolvimento tecnológico, a Arte, e particularmente a Música, consegue ampliar os seus princípios e formas de expressão, bem como, todo o seu processo criativo.

Os artistas foram questionando e reagindo às várias dinâmicas da sociedade. No caminho do território digital "os artistas procuram respostas que sejam criativas e críticas." (Ruhrberg, 1999, p.. 577).

Assim, a autonomia da Arte é entendida como um princípio máximo de liberdade pessoal.

Para além das ferramentas técnicas necessárias para criar o mundo artístico, é realmente importante que o homem utilize aquilo que detém por natureza: a imaginação e a inocência.

1.2. Conceito de Cultura: reflexão teórica

A Cultura, é desde logo, um conceito envolto de alguma complexidade, pois não é concebido de forma linear, mas sim de forma dinâmica e em permanente transformação.

"(...) a transmissão cultural se processa através das práticas quotidianas que determinam as estruturas objetivas nas quais se encontram os agentes educativos, (...)." (Grácio e Stoer, 1982. p. 79).

Também Terry Eagleton atesta a dificuldade citada, dizendo mesmo que “Cultura, diz-se geralmente, é uma das duas ou três palavras mais complexas da língua inglesa” (Eagleton, 2003, p. 11).

Os estudos da Cultura clássica permitem perceber a origem de grande parte dos fenómenos culturais do mundo contemporâneo, seja por imitação, seja pela negação dos modelos e princípios herdados do período em análise, permitindo, assim, aprofundar o nosso conhecimento da Cultura ocidental contemporânea.

A Cultura é entendida como algo que faz com que o Homem seja Homem, preocupando-se mutuamente com as repercussões no seu meio, visando uma transformação no sentido da perfeição. Constituirá a base para o desenvolvimento de teorias explicativas do fenómeno cultural, confluindo para uma unidade complexa multidisciplinar centrada no homem em determinado tempo e espaço.

A Cultura remete para a construção do Homem enquanto ser social. “Não há natureza humana independente da cultura; esta é uma <<condição essencial>> da nossa existência” (Silva, 1994, p. 20).

“Cícero usa a expressão *sese excolere ad humanitatem* (cultivar-se a fundo segundo a *humanitas* e para a *humanitas*)”.¹

Enquanto fonte de identidade e de memória social, de um povo ou civilização, integra a pluralidade, a diversidade, a coesão e pertença, o crescimento e desenvolvimento, a vários níveis da sociedade.

“Chamamos cultura, precisa Burckhardt, ao conjunto das atividades do espírito que têm lugar espontaneamente e não visam nem um valor universal um carácter de obrigatoriedade.” (Boudon, 1995, p. 451).

A sociedade “permite distinguir o estado dos costumes, avaliar o grau de civilidade e apreciar a maneira como são tecidos os laços sociais.” (Boudon, 1995, pp. 451 e 452)

Com base na nossa herança cultural, enquanto seres individuais com características peculiares, promove-se a criação e a recriação de modelos culturais, numa dinâmica constante ao longo dos tempos. Esta dinâmica contínua permite ao indivíduo criar e compreender o seu papel pessoal e social, no âmbito do seu projeto de vida, enquanto cidadão com valores individuais e coletivos.

A Cultura não está consumada, e sim em vias de formação; ela é interioridade, apropriação subjetiva de uma série de conteúdos, livre interpretação dos conhecimentos adquiridos; projeta a reconciliação, no seio de uma comunidade autêntica, do espírito subjetivo e das suas realizações sociais.

(Boudon, 1995, p. 454).

¹ *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Editorial Verbo. Lisboa. Volume 6. pp. E 578,579

" ... para Ralph Linton (1936) ela é a soma dos conhecimentos, das atitudes e dos modelos habituais de comportamento que os membros de uma determinada sociedade têm em comum e transmitem". (Boudon, 1995, p. 458).

A coordenação existente entre a nossa herança cultural e a criação contemporânea, potenciada pela nossa capacidade criativa, permite-nos, assim, desenvolver o nosso projeto individual de vida.

Efetivamente, logo que o Homem se assume como Homem, por si só, já se encontra envolto de determinadas características que se podem designar como particularidades advindas de determinada cultura. A Cultura surge-nos como o agente modelador da personalidade do indivíduo, integrando um sistema em permanente transformação.

A Cultura contempla, pois, um conjunto de conhecimentos, atitudes e comportamentos, costumes, que se encontram estreitamente relacionados com a vida do quotidiano do indivíduo.

Na esteira de Terry Eagleton podemos dizer que "cultivar-se requer determinadas condições sociais e, dado que tais condições podem envolver o Estado, também ela pode ter uma dimensão política" (Eagleton, 2003, p. 22).

Defende-se uma perspetiva holística relativamente ao conceito de Cultura, tal como o fez Durkheim, definindo e exaltando o "facto social" inserido num todo, recusando a sua generalização enquanto facto individual. Assim, a consciência individual surge-nos como consequência de um conjunto.

Durkheim entende o conceito de "facto social" em estreita relação com o conceito de Cultura, englobando as regras, as leis, os costumes, a moral, os rituais e práticas, integrando a consciência coletiva da sociedade." O facto de considerar os fenómenos sociais como coisas (...), levava Durkheim a procurar e a apreender nestes fenómenos os traços que se ofereciam aos olhos de um observador." (Rocher, 1989, p. 31).

Existe, efetivamente, uma pluralidade de dimensões no que diz respeito ao facto social, com diversas formas de ser observado e interpretado.

Entende-se, assim, que "As reuniões desportivas, as manifestações musicais ou políticas, os ruídos e os rumores das ruas das nossas cidades, as ocasiões festivas de todas as ordens, tudo isso sublinha com força a proeminência do todo". (Maffesoli, s.d., pp. 85 e 86).

A vida do quotidiano constitui uma realidade que resulta da interpretação dos homens que a concebem, de forma subjetiva, no âmbito de um mundo coerente.

Ao se entender a Cultura numa perspetiva global, como tudo aquilo que o Homem, mediante a sua racionalidade (inteligência), consegue construir e desenvolver, constata-se que todos os povos e sociedades, ao longo dos tempos, se encontram envoltos de uma Cultura que, por mais arcaica que seja, engloba conhecimentos adquiridos, mutáveis e transmissíveis para gerações futuras.

As artes, as ciências, os costumes, as leis, a religião, os mitos, os valores morais e éticos traduzem, assim, modos de sentir, pensar e agir em determinado contexto histórico. Assim

sendo, podemos considerar a Cultura como uma das principais características do ser humano, no seio da memória coletiva da humanidade.

1.3. Cultura e socialização

O Homem é entendido como tal porque partilha com os seus pares uma Cultura que inclui não só aspetos e princípios da sua geração, como também, os das gerações passadas e ainda os daqueles que hão-de nascer.

O homem é um ser socializado mediante as diversas atividades nas quais vai participando ativamente.

O ensino será uma parte de todo o processo de socialização, uma vez que este se prolonga e constrói pela vida fora, consoante a pertença a determinado grupo social. Nesta perspetiva, a Cultura surge como uma forma descontínua e particular, englobando o conjunto de elementos de uma vida social organizada.

"Antes de mais, a socialização é o processo de aquisição de conhecimentos, modelos, valores, símbolos, numa palavra, de <<maneiras de agir, de pensar e sentir>> próprios aos grupos, à sociedade, à civilização em que o indivíduo vive." (Rocher, 1989, p. 127).

A socialização surge, efetivamente, como "a dinâmica da transmissão de cultura, o processo pelo qual os homens aprendem as regras e as práticas dos grupos sociais." (Worsley, 1983, p. 203).

Entende-se o conceito de socialização, com vastas implicações e grande alcance, enquanto conceito dinâmico aplicado ao processo social de interiorização de conhecimentos.

Refere-se Sociedade enquanto grupo organizado de pessoas, com características peculiares, no entanto, inseridas numa totalidade. Assim, numa determinada sociedade pode-se identificar várias culturas, ou subculturas, consoante a diversidade e heterogeneidade sociocultural. Assim, "A sociedade não é apenas um agregado de indivíduos, mas antes um ser cuja existência é anterior à daqueles que a compõem hoje ...". (Giddens, 1994, p. 111).

Existem dois grandes mecanismos de socialização: a aprendizagem e interiorização de outrem e a influência exercida pelos diversos agentes socializadores (Rocher, 1989). Estes conduzem-nos a uma adaptação pessoal e social, se aceitarmos e interiorizarmos os modelos sociais pré-estabelecidos e os integramos na estrutura da nossa personalidade, para mais facilmente podermos comunicar com os membros da sociedade.

Para além disto, a adaptação do indivíduo aos modelos referidos pressupõe a existência de uma margem de liberdade e de autonomia provocando, por vezes, a variância e o desvio em relação a determinadas condutas pré-estabelecidas. "... em qualquer colectividade, a socialização comporta uma parte maior ou menor de adaptação à autonomia pessoal." (Rocher, 1989, p.155).

Os valores e condutas definidos *a priori* tornam-se importantes para a percepção que o indivíduo tem do mundo que o rodeia. Ao aderir a valores comuns estará a participar coletivamente no seio de uma comunidade.

Assim, a socialização poderá conduzir-nos a uma situação de adaptação social que se traduz quer pelo intuito de modificar o meio, ou de o recriar, como pelo desejo de conformismo.

O conceito de Cultura encontra-se estreitamente relacionado com o conceito de socialização. Neste sentido, entende-se que o comportamento humano é algo que se aprende ao longo da vida. Os conhecimentos e técnicas que o indivíduo vai desenvolvendo e interiorizando ao longo do seu percurso de vida vão sendo adquiridos através da interação e comunicação com os outros, promovendo, assim, a transmissão cultural.

1.3.1. A hereditariedade e o meio social

Se por um lado o meio no qual o indivíduo se insere condiciona os seus valores e condutas, a hereditariedade continua a ter o seu papel importante no que diz respeito às especificidades individuais de cada um que explicam a conduta humana.

A própria aprendizagem deverá ter em conta estes dois elementos de atuação e a sua permanente interação.

É mediante o olhar dos outros que o indivíduo vai construindo e reconstruindo o seu Eu, como ser social que é.

Do ponto de vista sociológico, a função social fundamental da cultura é integrar uma pluralidade de pessoas numa dada coletividade, integrando as identidades pessoais, profissionais de cada indivíduo.

Assim, a cultura também assume a função de construir personalidades individuais em constante dinâmica e construção.

Cada indivíduo assimila a Cultura de uma forma individual em permanente reconstrução.

A Cultura é entendida como ação social que é vivida pelo indivíduo. A sua aquisição resulta dos diversos meios de aprendizagem que o indivíduo dispõe ao longo da vida.

A estrutura mental, a personalidade do indivíduo não é tida como um simples reflexo de uma dada estrutura social (Bourdieu, 2001).

O indivíduo age em determinado momento com a sua personalidade, temperamento e traços hereditários, mas também com todas as experiências vividas ao longo do tempo.

Veremos esta dialética entre hereditariedade e meio social, em concreto quanto à aptidão musical e profissionalização do músico, mais à frente, no presente estudo.

II) A Construção da Identidade Cultural enquanto Memória Coletiva

2.1. A Identidade cultural e o consumo na sociedade atual

O consumo da sociedade atual, muito para além da concepção de falta ou carência, é entendido como um processo social complexo indutor da reprodução física e social de determinada sociedade humana.

Consumo e produção não têm necessariamente uma ligação recíproca, uma vez que podemos consumir sem produzir, em dado tempo histórico. (Barbosa e Campbell, 2006)

Consumo, etimologicamente, deriva do latim *consumere* que significa esgotar, destruir. Poderá, por vezes, atribuir-se-lhe um significado negativo dado o materialismo impregnado na vida quotidiana da sociedade.

Consumir torna-se numa atividade básica de qualquer ser humano.

O marketing apresenta-se como promotor do consumo valorizando determinados bens em detrimento de outros, criando no indivíduo a ideia de necessidade.

Embora o consumo seja, muitas vezes, entendido como uma atividade puramente material, fútil, da vida social, é importante uma análise mais profunda para se poder indagar a sua relação com o conceito de identidade. (Barbosa e Campbell, 2006).

Assim, estabelece-se uma relação indubitável entre consumo e identidade e vice-versa. Não só consumimos para colmatar necessidades, mas também para mediar as nossas relações sociais, definindo um determinado estatuto na teia social na qual nos inserimos, construindo uma identidade peculiar, ampliando o nosso autoconhecimento, envolto de subjetividade.

Efetivamente, ao ouvirmos e consumirmos determinado tipo de Música podemos adquirir experiências que nos permitem construir determinada identidade, em permanente reconstrução.

Entende-se o conceito de consumo como um conceito de grande alcance, atravessando várias esferas da nossa vida, no âmbito dos vários processos sociais existentes.

É, igualmente, notória a importância simbólica do consumo na sociedade ocidental contemporânea, privilegiando a expressão da criatividade e individualidade de cada ser.

O consumo poderá, pois, ser entendido não apenas no seu formato mais tradicional assente na relação entre produção e consumo de determinada mercadoria ou bem (por exemplo, a Música), em função das condições de mercado.

O dito consumo da Música em diferentes meios (escolar, familiar, profissional) também será entendido como tal, determinante para a construção e reconstrução de identidades, bem como, para a construção do projeto de vida de cada um.

Claro que tal consumo musical requer produção musical e políticas culturais que a incentivem. Ora, nem sempre o Estado tem desenvolvido o esforço suficiente em tal sentido, sendo que, ainda assim, é mais ao nível do poder local e não do central que tal vai sucedendo – neste sentido vejam-se os estudos do Observatório das atividades culturais, coordenado por Maria de Lourdes Lima dos Santos (Santos, 1998).

O consumo cultural assume uma característica básica e legítima. Mesmo assim, no seio de valores fundamentais, tais como, a modernidade e a liberdade, existe a necessidade de justificar esse mesmo consumo (Barbosa e Campbell, 2006).

Todo o processo de aquisição de algo encontra-se envolto de complexidade, pois não depende apenas do fator económico, como também de fatores de índole familiar, profissional, entre outros.

"... com a emergência de uma economia-mundo (...), com aquilo a que se chama mundialização, (...) o indivíduo torna-se puro consumidor (...). Efetivamente, a preocupação de si tem dois sentidos; isso pode significar o narcisismo exacerbado, mas também a assunção de si na sua abertura a outrem".

Touraine e Khrosrokhavar, 2001, p. 34).

No âmbito da sociedade de massas, numa era globalizada em que os mesmos produtos culturais e materiais circulam em países com estilos de vida, tradições e costumes culturais variados, isto não significa a homogeneização do consumo e da cultura no seu todo. (Touraine, 2005). Assiste-se, sim, à partilha e misturas culturais no âmbito da diversidade dando origem a subculturas na teia social existente.

Tal como já se referiu, o Homem é um ser social. Vive segundo determinadas regras e hierarquias definidas e interiorizadas pelo grupo social em que se encontra inserido.

Assim, toda a reprodução cultural depende inteiramente da reprodução social que lhe confere uma legitimação de poder efetivo na sociedade. "... Weber via todas as relações sociais como relações de poder" (Turner, 1989. p. 99).

Também como já foi analisado, o conceito de consumo encontra-se em interação com a identidade de cada um, resultado das suas vivências e experiências de vida.

Efetivamente, acredita-se que "o consumismo moderno tem mais a ver com sentimentos e emoções (na forma de desejos) do que com razão e calculismo, na medida em que é claramente individualista, em vez de público, em sua natureza" (Barbosa e Campbell, 2006).

O facto de consumirmos determinado produto musical evidencia características muito peculiares da nossa individualidade como seres únicos que somos. Por outro lado, estaremos sempre em permanente recriação identitária. Estaremos, assim, a contribuir para o autoconhecimento do indivíduo.

O consumo cultural encontra-se, igualmente, relacionado com o gosto individual de cada um, isto é, com a sua identidade em desenvolvimento constante, que nos confere determinado

estatuto na estrutura social envolvente. Podemos definir "Status" enquanto estilo de vida, " (...) como a totalidade de práticas culturais como o vestir, o falar, a aparência e as características corporais." (Turner, 1989. p. 101). Efetivamente, as práticas culturais denunciam o posicionamento de cada um no sistema social, económico e político.

Em suma, a sociedade e o consumo de massas constituem dimensões sociais nas quais é visível a luta pela diferenciação cultural mediante a implantação de gostos e de estilos de vida peculiares (Turner, 1989).

Tudo o que adquirimos é resultado do nosso desejo, do nosso estado emocional, por isso, parte da nossa realidade quotidiana.

2.2. A Identidade pessoal e social - O autoconceito como modelo identitário

No seu todo pode-se entender o conceito de identidade como "a fonte de significado e experiência de um povo." (Castells, 2003. p. 2).

A identidade pessoal é entendida como um processo e não enquanto um facto isolado e estático (Vieira, 2000). Encontra-se em permanente construção ao longo do percurso de vida do indivíduo, englobando o passado, o presente e o futuro, numa complexidade dialética.

Tal como refere Ricardo Vieira não existe determinismo no comportamento humano. Assim, percursos semelhantes inseridos em determinados modelos de referência podem potenciar diferentes identidades. Realça-se aqui a subjetividade do indivíduo que nos remete para a ideia da imprevisibilidade do ser. " Entre a ação dos outros (heteroformação) e a do meio ambiente (ecoformação), parece existir, ligada a estas últimas e dependente delas, mas à sua maneira, uma terceira forma de formação, a do eu (autoformação)" (Vieira, 2000. p. 41).

É mediante a análise da subjetividade do ser que se pode compreender toda a sua formação identitária. Não é só a vertente social que condiciona a construção do homem, enquanto ser único e individual, o próprio homem constrói-se a si mesmo, construindo o seu Eu pessoal. No seu percurso de vida, o indivíduo, em função dos seus referenciais, vai recriando o seu mundo.

Tomamos consciência do Eu e do outro através de relações de oposição bem como de interação, com a devida perceção da alteridade. Este processo inicia-se na infância, desenvolve-se na adolescência e vai-se construindo e moldando ao longo da vida. "Cada estágio implica um dilema particular em que o indivíduo desenvolve atitudes básicas que marcam a sua evolução com o ser social e contribuem para o desenvolvimento da identidade." (Costa, 1991. p. 22).

A identidade é construída mediante vivências e experiências do meio em que o indivíduo se integra, sem esquecer as diferenças biológicas determinadas *a priori*.

O indivíduo toma consciência de si próprio por relação ao outro e do grupo que identifica como seu. Assim, o outro define-se como matriz cultural (Vieira, 2000). Só assim definimos o sentido do Eu.

"São estas terceiras pessoas que, ao entrarem no mundo de cada um de nós, contribuem para o tornar mais relativo, mais múltiplo, mais plurifacetado" (Vieira, 2000). Os outros contribuem para a construção e reconstrução da nossa identidade pessoal, no âmbito de uma unidade cultural peculiar que nos diferencia uns dos outros.

"A conduta íntima só é acção social quando determinada pelas acções dos outros." (Weber, s.d., p. 73).

Cada indivíduo tem o seu gosto pessoal, as suas ideias e convicções tendo como base as suas estruturas cognitivas. Ao participarmos ativamente num grupo social estamos a permitir todo um processo de intervenção pessoal e social que poderá levar à alteração de representações individuais. "... a vida coletiva, tal como a vida mental do indivíduo, é feita de representações." (Durkheim, s.d., p. 174).

"No decurso da vida social, as pessoas ao relacionarem-se umas com as outras, vão desenvolvendo sentimentos de pertença a determinados grupos ou sectores sociais, de algum modo demarcados dos outros ou a eles contrapostos." (Costa, 2001, p. 62).

A reflexão deste processo enunciado, ou melhor, a autorreflexão biográfica constitui o caminho para o indivíduo se compreender a si mesmo e interiorizar, ou não, novas representações vindas do exterior.

O Homem autocria-se no seio da globalidade. Não se pretende dizer com esta reflexão que a identidade pessoal se identifica como a reprodução de um modelo da identidade cultural do grupo social onde o indivíduo se insere. Existe, de facto, mobilidade social que permite introduzir variáveis importantes na experiência existencial do indivíduo.

Existe, sempre, uma dimensão do ser que não é estática, acabada, mas sempre sujeita a metamorfoses, a reconstruções identitárias.

"As relações sociais são definidas em relação aos outros com base nos atributos culturais que especificam a identidade." (Castells, 2002, p.26).

Efetivamente, a origem social e toda a socialização primária influenciam a formação da identidade e cultura pessoal, como também, toda a trajetória de vida e vivências do indivíduo. Por isso, fala-se de autoconstrução, de constantes metamorfoses pessoais e culturais, mesmo que o indivíduo não tenha consciência efetiva deste processo.

Como já foi referido anteriormente, a identidade constrói-se através da relação com o outro que nos conduz à imagem de nós próprios.

O autoconceito surge em função do outro e da diferenciação existente no grupo no qual o indivíduo se insere.

A ideia de sujeito, para Alain Touraine remete-nos para a esfera privada, pessoal, no entanto, é responsável por transformar e organizar o todo social. " O ator social é capaz de modificar o seu meio ambiente, pelo trabalho ou pela comunicação." (Touraine e Khrosrokhavar,

2001, p.35). A plenitude do sujeito é alcançada na interação social, no entanto, sem perder a sua subjetividade que lhe é inerente.

O indivíduo é portador de uma identidade cultural dinâmica. A identidade pessoal não implica a reprodução das práticas culturais existentes do grupo social de origem. Assim, o conceito de identidade encontra-se envolto de uma dialética complexa, no âmbito de uma construção dinâmica e de uma constante reestruturação.

2.3. Identidades profissionais

Qualquer profissional detém pilares cognitivos, culturais e profissionais, mesmo de forma inconsciente, que condicionam as suas práticas e condutas nos contextos onde atuam, em permanente reconstrução.

Note-se que, para haver mudanças pessoais, o profissional terá de atravessar um conjunto de metamorfoses ao nível identitário.

O percurso profissional de cada indivíduo é englobado no seu projeto de vida e formação enquanto pessoa com uma identidade peculiar, no entanto, intercultural, que permita os constantes reajustes e reconstruções em função das suas próprias vivências do quotidiano.

"Somos, efectivamente, cada vez mais, multiculturais, interculturais às vezes, mestiços, compósitos, translocais e menos monolíticos (na construção social e pessoal já que, nas atitudes, às vezes, o local raia o umbilicalismo)." (Vieira, 2009, p. 12).

As diversas referências que o indivíduo vai construindo ao longo do seu percurso de vida, enquanto sujeito social, tornam-se linhas orientadoras do seu presente, sendo este enquadrado num determinado contexto histórico, e, posteriormente, linhas orientadoras do seu futuro mais ou menos próximo, com repercussões a nível individual e socioprofissional.

A construção da identidade permite, pois, ao indivíduo atribuir um significado coerente à sua existência englobando as suas experiências e vivências do passado e do presente, perspetivando o seu futuro.

Maffesoli chama-nos a atenção para o facto de anteriormente podermos definir um determinado perfil, delinear uma profissão, associados a um projeto de vida peculiar. Atualmente, este facto já não é possível, uma vez que o nosso perfil está em constante reestruturação e o nosso projeto de vida é, por vezes, ocasional em dado momento, dominado pela incerteza (Maffesoli, s.d.).

Efetivamente, o indivíduo assume determinadas "máscaras" de acordo com o seu percurso de vida, no entanto, definidas segundo uma mesma individualidade. Para Maffesoli, o indivíduo é estruturalmente plural, pertencente a um universo de múltiplas identificações, no âmbito da coerência no seio da pluralidade.

Assim, o projeto pessoal de vida de qualquer profissional não assenta, exclusivamente, num fenómeno interno e subjetivo, mas depende de todo um contexto histórico e cultural no qual é construído.

O projeto de vida, antecipando o futuro, encontra-se em constante reestruturação e metamorfose, tornando todo o processo identitário um processo dinâmico.

Esta ideia de metamorfose cultural ocorre ao nível da identidade do indivíduo, do seu autoconceito e autoimagem, assim como, ao nível das interações sociais e da própria realidade.

Em suma, a dicotomia pessoal e social é inerente à construção da identidade, mesmo ainda que com definições e relações diferentes. A primeira envolvendo uma perceção subjetiva que o indivíduo tem de si mesmo, do seu interior e individualidade. A segunda potenciada pela interiorização objetiva do conjunto de características que permitem ao indivíduo ser definido segundo o contexto ou grupo social no qual se integra.

Assim, pode-se afirmar que a identidade pessoal contém múltiplas identidades de uma forma dinâmica no seio da diversidade, mas todas com o objetivo de definir e representar o Eu.

2.4. Identidades musicais

A Música constitui um dos mais importantes elementos da identidade cultural do indivíduo. A educação musical permite a construção do seu processo identitário.

Segundo o pensamento de alguns autores o desenvolvimento da especificidade musical do indivíduo ocorre, de alguma forma, de maneira natural à medida do seu crescimento e integração na sociedade, sendo moldado por vários contextos de aprendizagem e instituições que contribuem para a construção e reconstrução de uma efetiva identidade musical (veja-se North e Hargreaves, 2008).

A aprendizagem individual desenvolve-se em função da interação social entre os vários grupos socioculturais. Assim, desde cedo, poderão ser evidenciadas capacidades musicais que serão aperfeiçoadas, ou não, ao longo do percurso de vida do indivíduo.

Hargreaves, na sua referida obra de 2008, descreve-nos cinco fases do desenvolvimento artístico: *Sensorimotor* em que a expressão artística resulta em ações físicas. *Figural* em que as expressões artísticas se traduzem em representações efetivas das crianças, quer através do desenho, do canto, no entanto sem grande detalhe. *Schematic* em que as expressões artísticas assumem representações já algo mais elaboradas como o início de convenções artísticas em fase adulta. *Rule Systems* em que as expressões artísticas se traduzem em convenções formais. Por fim, *Professional* em que o artista consegue aplicar uma variedade de estilos e convenções de acordo com a procura desejada e de forma independente e autónoma, numa perspetiva sociocultural e pessoal.

Segundo Stephanie Pitts a identidade musical, bem como, o comportamento musical variam conforme o contexto sociocultural do sujeito e da sua expectativa de sucesso no mundo musical. Assim, para se ser músico não basta ter competência e experiência, mas também, obter o reconhecimento dos outros para assim permitir a construção de uma identidade assente num constructo de valores e aprendizagens no mundo da Música (Pitts, 2004).

A atividade musical pode ser valorizada segundo várias razões: como algo potenciador de confiança e integração, como oportunidade em demonstrar a aquisição de determinadas competências musicais, como uma oportunidade de atuar ao vivo, enquanto uma espécie de fórum propiciador de interação social de grupo, como forma de escape das pressões diárias e, por fim, como recurso de força espiritual e de prazer pessoal.

Falamos de identidade enquanto autoconceito, bem como, pertença social e coesão, neste caso, de comportamento musical, preferências e gostos pessoais.

O consumo e a produção de Música agrega o indivíduo a determinados grupos com especificidades coletivas.

A participação em atividades musicais é potenciada por motivações e objetivos individuais que se vão autoconstruindo e reconstruindo ao longo do percurso de vida do indivíduo.

Segundo Stephanie Pitts atuações ao vivo, a composição de uma peça musical original, ou até mesmo a aquisição de novos conhecimentos, tudo isto confere ao indivíduo determinado nível de satisfação pessoal que lhe potencia a sua realização do ponto de vista musical (Pitts, 2004).

A participação musical individual e em grupo encontram-se em estreita correlação. As motivações pessoais e sociais a um nível musical dependem inteiramente do contexto: competências técnicas, audiências, objetivos pessoais.

Efetivamente, o desenvolvimento pessoal e social estão intimamente em interação com a experiência musical efetiva do indivíduo. As suas escolhas pressupõem o equilíbrio entre a esfera pessoal e social para que possa satisfazer as suas motivações pessoais e necessidades musicais, numa ótica de continuidade.

A Música enquanto expressão artística pode ser valorizada e sobrevalorizada pelo facto de ser uma atividade diferente de muitas outras, pelos seus grandes benefícios visíveis à espécie humana.

"The Physical, emotional, and pleasurable quality of music and music-making cannot be experienced in quite the same way through any other form of social or creative and autistic activity, which is why music is so popular and valued so highly. (Cohen, 1991:191)." (Pitts, 2004, p. 44).

Podemos entender, desta forma, a experiência musical envolta numa natureza multifacetada se a virmos como compromisso individual assumindo um papel de destaque na vida do indivíduo, tornando-se indispensável para a sua realização pessoal e profissional.

Assim, na Música, o indivíduo poderá encontrar equilíbrio emocional e realização intelectual, contribuindo para uma elevada autoestima em correlação com o reconhecimento social.

Consideram-se fatores importantes no desenvolvimento da identidade musical, a capacidade cognitiva, a eficácia exercida na prática musical e a orientação emocional.

Por exemplo, segundo G. McPherson em estilos musicais como o hip-hop ou heavy metal, a criatividade e a inovação são construídas segundo uma cultura de alguma rebeldia. Na Música popular poderá ser benéfico trabalhar conforme a supervisão das gerações mais velhas. Na Música clássica, a criação e inovação na prática musical são elementos de crucial importância. Assim, todos os estilos musicais são orientados segundo determinadas formas e características peculiares de cada um (McPherson, 2006).

No que diz respeito ao relacionamento entre pares, tocar determinado instrumento musical pode ser um fator de discriminação e rejeição social que pode afetar o interesse e motivação para a Música de determinado indivíduo.

Se por outro lado, existir uma integração num grupo com elementos de interesse e motivação comuns contribuirá para uma maior estabilidade emocional do indivíduo que irá promover o seu grau de motivação musical.

Assim, uma forte identidade musical na adolescência fará com que o indivíduo se torne no futuro mais resiliente à pressão social e mais determinado em alcançar os seus objetivos no mundo da Música.

No que diz respeito ao desenvolvimento musical, ser músico pode depender de um estreito contacto com determinadas entidades entendidas como modelos de ação e, para além do conhecimento e ferramentas técnicas necessárias para o sucesso profissional, é igualmente importante a confirmação de tudo isso e o reconhecimento de uma efetiva identidade musical.

O género pode ter influência na identidade musical do indivíduo, uma vez que o género feminino e o género masculino detêm características próprias que podem ser *a priori* determinantes para a construção de uma identidade musical específica. Green pensa que os professores acreditam que as raparigas são mais bem sucedidas no canto, envoltas de um elevado sentido de expressividade e delicadeza, sendo estas mais positivas no acreditar das suas competências musicais do que os rapazes (Green, 1997).

Abeles e Porter defendem que existem instrumentos musicais tendencialmente masculinos como por exemplo a bateria, a guitarra, o trombone, o trompete, e instrumentos femininos, tais como a flauta, o violino, o clarinete e o piano (Abeles e Porter, 1978).

Segundo Miell, MacDonald e Hargreaves a Música é entendida como veículo para o desenvolvimento identitário (Miell, MacDonald e Hargreaves, 2005).

No momento em que os indivíduos descrevem os seus gostos e interesses musicais não estão apenas a transmitir informações sobre as suas preferências enquanto músicos, mas também estão a ocupar o seu lugar na esfera social.

A comunicação não é entendida como um simples veículo de transmissão de pensamentos e formas de ver as coisas, mas como um sistema ativo na construção do mundo e da individualidade de cada um.

A identidade do indivíduo incorpora as reflexões sobre o pensamento do outro.

Efetivamente, a influência da valorização social torna-se vital para o desenvolvimento da carreira musical, assim como para a construção e reconstrução do processo identitário do indivíduo.

III) A Música: elemento cultural de expressão artística

3.1. O Músico profissional: especificidades

Entende-se a Música no mundo da Arte contemporânea enquanto meio artístico de expressão do ser humano.

A Música é pertença da humanidade desde que há memória, no entanto, o seu conceito, não é fácil de definir. Mesmo entre os grandes musicólogos e os demais interessados na matéria, existe uma falta de consenso evidente quando se aborda o conceito de Música. No entanto, de uma forma mais ou menos simplista pode-se dizer que a Música é uma organização/estrutura de sons e silêncios, que obedece a uma lógica de maior ou menor complexidade. "A Música é, na sua essência, feita, imaginada, pensada, construída pelo o homem com base no material sonoro que dispõe." (Monteiro, 1997, p.13).

A um nível conceptual pode-se falar de Música absoluta enquanto "Música instrumental que existe simplesmente como tal, logo não é Música programática ou ilustrativa de qualquer outra forma." (Kennedy, 1994, p. 481).

A Música programática já implica uma história inerente, com ideias literárias ou, até mesmo, indiciando cenas pictóricas. Note-se que a Música ilustrativa encontra-se no fundamento do nascimento da própria Música.

A origem da Música assenta na procura da linguagem, por isso, intrínseca à necessidade de comunicar.

Primeiramente ligada ao ato coletivo, enquanto primeiras expressões musicais, a Música encontrava-se associada a rituais fúnebres, caçadas, festas, cerimónias religiosas, fazendo parte integrante do quotidiano do indivíduo.

Os primeiros testemunhos de alguma forma fidedignos da expressão musical encontram-se no Paleolítico Inferior, no momento em que se aprende a fazer e a utilizar utensílios de pedra, de osso e chifres através dos quais se produziam sonoridades. Tudo isto tornou possível o articular da linguagem e a produção do ritmo.

Efetivamente, torna-se importante perceber de que se fala quando abordamos o conceito de Música. Não obteremos uma definição objetiva e linear, mas sim uma definição envolta de alguma complexidade.

Entende-se a Música como uma Arte de expressão baseada na ordenação dos sons num determinado tempo. António Vitorino d`Almeida insiste "porque sem ritmo não há Música, nenhuma espécie de Música!" (D`Almeida, 1993, p.23).

Ter-se-á alguma dificuldade em considerar os limites formais daquilo que é suscetível de ser entendido como uma obra de Arte. Depende, pois, da perceção cognitiva e da reflexão dos vários atores sociais em relação a determinadas práticas artísticas e públicos envolvidos.

Na Antiguidade Grega a palavra Música era relativa a *musa*, uma deusa que segundo a mitologia grega era de origem divina, acreditando ter poderes mágicos.

Também no Antigo Testamento se pode observar esta ligação da Música com o poder divino. Aceitamo-la, por isso, como prática ancestral.

A Música em conexão com um contexto de relações entre públicos e artistas tem vindo a ser integrada enquanto expressão do romantismo e pela ascensão da burguesia contrariamente à aristocracia do Antigo Regime (Campos, 2007).

É já nos séculos XVIII e XIX que se assiste à proliferação de teatros de ópera e de concertos públicos, encarando a prática musical enquanto produto de mercado. É a partir deste contexto particular que a Música vai ganhando os contornos que hoje se verifica e com os quais nos identificamos.

Enquanto construção intelectual a Música produz emoções e sentimentos, no entanto, pode ser confinada ao campo da estética sonora por si só. Assim, uma ideia musical poderá ser um fim em si mesma e não incidir na representação de sentimentos e emoções (Campos, 2007).

"Segundo Igor Stravinski (1935): A Música é, pela sua própria natureza, importante para exprimir o que quer que seja, sentimentos, atitudes de espírito, humor psicológico ou fenómenos da natureza" (Campos, 2007, p.81).

Efetivamente, acredita-se que a Música constitui uma prática de expressão por excelência, com efeitos sobre a identidade do indivíduo, não esquecendo que o próprio sentido que se atribui à Música advém do grupo social e contexto cultural nos quais o indivíduo se insere.

"Um concerto é não só um ato de fruição cultural como forma de reconhecimento de um determinado estatuto social; ir a um concerto de determinado tipo de Música é, para um grande número de pessoas uma forma de se encontrar com elas, de poder com elas conversar, de ser visto nesse grupo, de cumprir uma imagem sociocultural que exclui outras pessoas e outras Músicas." (Monteiro, 1997 p.12).

Porém, apesar de toda a subjetividade que envolve o conceito de Música, a mesma, tem um lado pragmático e universal. Um conjunto de sons e silêncios ordenados num tempo, que respondem a uma lógica musical inerente ao criador/compositor, independentemente dos seus objetivos respeitante à exposição da obra ao mundo.

Torna-se inevitável, em dada cultura, os indivíduos associarem determinados sons a determinados significados sociais, partilhando quadros de referência, resultante do processo de socialização, já abordado anteriormente.

A própria socialização concede ao indivíduo expectativas gerais sobre a natureza da Música o que pode levar a uma diferenciação de grupos de peritos (compositores, professores, intérpretes, apreciadores de Música de vários géneros).

É importante perceber como é que os músicos se tornam músicos, como iniciam o seu percurso musical e como se integram no meio social e musical.

Entende-se por músico profissional um indivíduo cuja principal atividade é a Música. Embora menos consensual entende-se o músico profissional como uma pessoa competente e com qualificações para tal, no entanto como em qualquer outra profissão existirá sempre músicos profissionais com maior ou menor qualidade. Convém também referir que, a habilitação

académica pode não ser determinante para a qualidade do músico. Por vezes, a musicalidade inata de alguns praticantes musicais confere-lhes uma forte competência artística reconhecida pelos seus pares e também pelo público em geral.

A atividade musical apresenta uma multiplicidade de especialidades ou áreas de atuação assinaláveis, tais como, músico de orquestra, maestro, arranjador, compositor, produtor, cantor a solo ou corista, acompanhador ou membro de um agrupamento musical de maior ou menor dimensão representando qualquer estilo de Música.

Segundo um estudo realizado por Stephanie Pitts o músico profissional apresenta-se socialmente distinto do músico amador (Pitts, 2004).

A definição de músico profissional, em regra, encontra-se envolta de tensões complexas entre o autoconceito enquanto músico e o reconhecimento profissional e de competências pela teia social em que o indivíduo se insere.

Ser músico implica, igualmente, perceber a importância das atividades musicais na vida do indivíduo estabelecendo comparações entre os vários grupos de pares.

Efetivamente, este nível de envolvimento encontra grandes repercussões sociais, em que o indivíduo tende a gerir as suas relações interpessoais e sociais em função de interesses e gostos comuns, como se construísse um mundo próprio com características e especificidades peculiares.

Segundo o estudo referido que cruza informações transmitidas por pessoas com maior e menor nível de instrução, para aqueles que estudam Música em ambiente escolar, tornar-se músico é algo que se aspira e não tanto aquilo que já se é na realidade. É visto, assim, como processo identitário. A performance musical torna-se num aspeto importante para além do ouvir e analisar tecnicamente a Música.

Para os estudantes de nível superior, tornar-se músico implica um constructo de qualificações. Estudar Música e ser músico não são exatamente a mesma coisa. Um professor de Música não é propriamente um músico. Tornar-se músico implica uma carreira profissional efetiva, bem como um determinado nível de envolvimento emocional, compreendendo e sentindo a Música envolta de um talento de expressão musical.

Por outro lado, são necessárias competências específicas para se ser capaz de ler Música, tocar um instrumento, compor e atuar em grupo, respeitando o sentido de musicalidade.

Para os estudantes em ambiente escolar que procuram uma simples abordagem musical, a quantidade sobrepõe-se à qualidade da prática musical, colocando grande ênfase na atitude, assumindo a motivação e o entusiasmo como qualidades essenciais.

Os estudantes de nível superior são mais precisos reconhecendo que as competências técnicas não são um fim em si próprias. A prática musical é tida como fundamental para se ser músico. Se se consegue compor e ter sentido de musicalidade então pode-se considerar que se está perante uma prática musical efetiva.

Em relação ao conceito de músico amador, este pode ter um sentido pejorativo e ser entendido como alguém que realiza a prática musical de alguma forma desorganizada, sem

competência técnica reconhecida. Apesar disso, sem este conceito não poderíamos concetualizar o conceito de músico profissional.

Por vezes o músico amador encontra-se ao mesmo nível do músico profissional no que diz respeito à atitude musical, e muitas vezes é preferido pelo público pela sua reputação social e não tanto pelo seu *status* profissional.

Um músico profissional com uma performance pobre em termos de reconhecimento social e cultural pode conduzir ainda assim a sua carreira de forma mais ou menos efetiva gozando de um estatuto conferido pelo seu grau académico. Ao invés, o músico amador nas mesmas condições poderá encontrar maiores obstáculos de afirmação e realização profissional.

Na ótica das audiências musicalmente ativas e informadas, o músico amador é valorizado quando realiza uma performance de excepcional qualidade um pouco à imagem do músico profissional. O gostar da sua prática musical implica passar para segundo plano as eventuais falhas técnicas que possam ocorrer.

Pode-se dizer que o desenvolvimento de um compromisso com a prática musical encontra-se em estreita relação com a motivação e as condições socioculturais e de oportunidades efetivas que o indivíduo usufrui ao longo do seu percurso de vida.

O próprio conceito de vocação musical é um tema de especial importância no mundo das Artes, especialmente no mundo da Música. Constitui uma característica essencial do músico.

Segundo Pauline Adenot a ideia moderna de vocação, num sentido ético, encontra-se estreitamente ligada à economia no sentido de uma vida individualmente bem sucedida. A vocação deve, então, ser entendida como elemento ativo e produtivo (Adenot, 2008).

A vocação do artista músico encontra-se intimamente ligada à paixão assim como ao prazer. Parece ser consensual pensar que a vocação musical proporciona bem-estar quer para o artista quer para o público em geral.

O ser artista atribui ao indivíduo um certo nível de liberdade que pretende confluir na sua realização plena e integral em consonância com o reconhecimento social que obtém da sua atuação em sociedade.

No imaginário social o artista é visto como um ser com vocação e devoto à sua Arte. Dom, vocação e paixão surgem, muitas vezes, associados à ideia de artista. Não se concebe um músico profissional que não tenha um dom e não seja apaixonado pela Música. No entanto, tudo isto poderá esmorecer ao longo dos anos em termos de representação social. É possível pela constante reconstrução do percurso de vida do músico.

A formação de um músico pressupõe um grande investimento desde cedo, desde o momento em que pode ser identificado o seu talento ou vocação musical.

Outra representação social visível importante quanto à percepção dos músicos constata-se na relação que a Música e a Arte têm, ou não, com a produtividade e sustentabilidade. É por vezes por esta relação que os pais ou familiares desencorajam os filhos do mundo da Música preferindo que frequentem uma boa universidade, para outros cursos, ao invés do Conservatório de Música.

Constata-se que o olhar social é crucial no processo de escolhas dos indivíduos. No entanto, a vocação, a paixão e o prazer poderão levar o músico ao sucesso e ultrapassar todas estas barreiras e estigmas sociais.

Todas as escolhas do indivíduo serão diretamente afetadas pelas vivências e circunstâncias da sua vida. A forma como se concebe o lazer e se aposta em diversas atividades é disso um exemplo.

Efetivamente a participação musical irá ter repercussões nas várias áreas de vida do indivíduo, no seu papel e comportamento em sociedade.

3.2. Contextos de aprendizagem da Música

No que diz respeito à aprendizagem da Música os seus contextos podem ser bastante diferenciados.

Além dos contextos informais, tais como o autodidatismo e grupo social de amigos existem também os contextos formais que permitem determinado nível de certificação reconhecida pela sociedade civil que integram o conhecimento teórico de códigos musicais e a sua transformação numa base escrita.

Tal como se referiu anteriormente, quando se analisou o conceito de hereditariedade e meio social, ser músico não depende apenas de uma mera competência técnica. Por vezes, é importante estar inserido num conjunto de relações sociais que proporcionem os processos de iniciação e aquisição de competências musicais e consequente profissionalização.

Importa, igualmente, referir os contextos de aprendizagem sociofamiliares desempenhando, de igual forma, um papel preponderante para a aquisição de conhecimentos e competências no mundo da Música.

Tudo isto influenciará a relação dos músicos com os diversos géneros musicais segundo determinadas competências e contextos socioculturais, desde o mais erudito ao mais popular.

Segundo A. North e D. Hargreaves os espaços informais de composição e audição de Música fora do espaço escolar são tão ou mais importantes do que os espaços formais de formação musical, nas escolas, universidades e conservatórios. Assim, a Música deverá estar sempre acessível a todos e não apenas a uma minoria (North e Hargreaves, 2008).

Existem vários contextos em que a Música tem um lugar de destaque e é promotora de aprendizagem e de algum bem-estar, nomeadamente em estúdios, clínicas terapêuticas, pequenas comunidades, media, orquestras e comércio tradicional.

Se é certo que se pode estabelecer uma correlação entre os contextos formais de formação com o aumento de qualificações e carreiras profissionais, também é certo que de um contexto informal poderá desenvolver-se toda uma aptidão musical e competência que mais tarde se possa traduzir numa carreira profissional.

Assim, e na esteira dos citados autores, existem comunidades musicais organizadas, tais como bandas e grupos amadores, ligados por várias gerações e tradições musicais, que apresentam um elevado grau de musicalidade, geralmente resultado de dois fatores cruciais: hereditariedade e aptidão inata.

A Música fora do contexto escolar é autodirigida, não dependendo do controlo do professor, os aprendizes constroem a sua própria agenda, os seus métodos de trabalho em consonância com elevados níveis de motivação e compromisso.

A educação informal faz-se, normalmente, em grupo de forma pouco estruturada descurando muitas vezes questões técnicas e teóricas em face de uma aprendizagem rápida procurando uma aplicabilidade efetiva.

Num contexto formal a educação musical envolve um plano de progressão do simples para o mais complexo não dispensando o período de tempo necessário para uma aprendizagem cuidada da técnica e da teoria musical.

A escola deve proporcionar a todas as crianças um contacto com a atividade musical, independentemente do futuro profissional que o aluno venha a seguir.

Constata-se que a escola e a comunidade em geral ainda tende a encarar a Música como disciplina secundária, por isso, encontra-se envolta de alguma vulnerabilidade enquanto forma de Arte. Esta relação de fragilidade no âmbito da educação musical poderá provocar alguma desmotivação no público juvenil com repercussões no seu futuro musical. Embora detenham talento musical e aptidão, existem fatores externos condicionantes, tais como o apoio familiar e a sua condição económica.

Em suma, os contextos de aprendizagem da Música são determinantes no desenvolvimento musical do indivíduo, bem como, da sua identidade e autenticidade individuais.

Assim, pelo facto de a Música integrar um universo muito diversificado, englobando diversos estilos e géneros musicais, os indivíduos estabelecem uma relação com ela muito peculiar e subjetiva, sendo múltiplas as formas de interação.

3.3. O papel social e educacional da Música na sociedade atual

A Música, entendida como elemento cultural por excelência, detém um importante papel social e educacional na sociedade contemporânea, contribuindo para a pertença, ainda que no âmbito da diversidade e liberdade individual. A cultura terá um papel importante na libertação de pressões e na realização pessoal do indivíduo.

A educação pode ser entendida como um facto, dependendo intrinsecamente das tradições, dos hábitos, das regras integrados em determinadas instituições, num dado momento histórico (Durkheim, s.d).

A educação compreende "tudo aquilo que fazemos por nós mesmos e tudo quanto os outros fazem por nós, com o fim de nos aproximarmos da perfeição da nossa natureza." (Durkheim, s.d, p. 7).

Cada profissão específica integra aptidões peculiares e conhecimentos específicos, mediante os quais se desenvolvem maneiras de estar, determinados usos e costumes inerentes à mesma, ainda que, no âmbito da diversidade e heterogeneidade cultural.

A educação musical encontra-se associada à ideia de prazer e satisfação, de pertença social e interação com os outros, para além do desenvolvimento de competências técnicas, de acordo com as aspirações individuais de cada um.

A Música é vista pela política educativa de forma menos importante quando comparada com outras disciplinas das componentes curriculares, tais como as línguas e as ciências. Apesar disso, pelos benefícios que lhe são atribuídos, a Música começa a ser encarada pela sociedade civil com bastante relevância, no que diz respeito ao desenvolvimento da criatividade e concentração, para além do prazer e bem-estar que proporciona.

Segundo Stephanie Pitts desde a infância, a aprendizagem musical e as várias oportunidades de prática musical no contexto escolar e familiar podem influenciar a motivação para a prática musical na vida adulta (Pitts, 2004).

A educação musical escolar torna-se importante para que o indivíduo, desde tenra idade, possa ter contacto com a prática musical e mais tarde desenvolver algum interesse e motivação na aprendizagem e aperfeiçoamento da mesma.

Stephanie Pitts ilustrando a importância da participação musical, em determinados contextos, na vida adulta, refere que a participação e educação musical potenciam o processo de construção da identidade do indivíduo, sendo uma oportunidade para adquirir e demonstrar competências reconhecidas socialmente. Por outro lado, revelam um sentido de pertença a um grupo com interesses e objetivos comuns promovendo prazer e satisfação pessoal e profissional (Pitts, 2004)..

"Furthermore, social influences on the developing child musician are important for motivating and regulating the initial musical participation." (Mcherson. 2006, p. 475).

As próprias características de personalidade dos professores são elementos importantes de impacto no despertar do interesse e da motivação musical nos estudantes.

Sendo a adolescência uma importante fase da vida do indivíduo envolvendo múltiplas transformações físicas e intelectuais torna-se crucial o relacionamento com a figura adulta, tais como familiares e professores que irão determinar as suas escolhas e condutas musicais.

Aceita-se que as características de personalidade possam influenciar o comportamento musical, no entanto, apenas na interação com o meio social é que se constata o seu impacto em termos de habilidades e motivação musicais.

Assim, as características e atributos pessoais e musicais dos professores, familiares e amigos terão um importante impacto no envolvimento do estudante e eventual futuro músico com determinado género ou estilo musical.

IV) A Liberdade artística e a sustentabilidade financeira do músico profissional

4.1 A Música enquanto fonte de rendimento: carreira profissional

A indústria musical encontra-se envolta em alguma complexidade. Na carreira musical são visíveis um conjunto de irregularidades. Por vezes a profissão de músico não propicia contratos de longo prazo promovendo a devida sustentabilidade financeira.

Na maior parte das vezes assiste-se a uma atividade esporádica em que os músicos executam atividades específicas trabalhando como *freelancers*.

Também existem músicos que administram as suas próprias atuações e produzem Música de forma independente.

Assim, de uma maneira geral, as condições de trabalho do músico profissional encontram-se muito aquém do esperado como razoável em termos de sustentabilidade financeira.

O percurso da atividade musical não está apenas sujeito ao gosto pessoal e formação inicial do músico, mas também à necessidade de responder ao mercado musical e de adequar o seu repertório e forma de atuação devido a imperativos económicos.

O momento fulcral na vida de qualquer músico acontece quando o mesmo escolhe a Música como sua principal fonte de rendimento.

Segundo um estudo realizado por Rineke Smilde o músico muito dificilmente detém um emprego para toda a sua vida nos moldes tradicionalmente entendidos, vai, sim, desenvolvendo um conjunto de trabalhos sucessivos no âmbito da sua área da profissão musical, por exemplo enquanto professor de Música. Esta é uma profissão que tem vindo a sofrer grandes alterações ao longo dos anos. Neste caso a relação entre professor e estudante constitui a base da educação musical (Smilde, 2008).

Uma outra profissão referida por Rineke Smilde, na referida obra, é a de *músico comunitário* que cria e desenvolve workshops de certa criatividade em várias áreas: saúde, social, nas prisões, entre outras. Isto reflete a influência social e económica presente no músico sobre os indivíduos e grupos da sociedade contemporânea. Estes workshops têm como ideia base proporcionar autoexpressividade e sentido de pertença no grupo em questão, no âmbito da troca de ideias e habilidades entre os participantes.

A relação e inter-relação com diversas formas de Arte promovem uma colaboração estreita entre Artes e géneros com visível impacto na educação musical. Note-se que a Música apresenta-se como forma de Arte multifacetada.

O músico detém uma visão artística complexa integrando as diversas formas de Arte, dando origem ao crescimento de novos tipos de performance e produção no mundo profissional.

Rineke Smilde (2008) identifica vários tipos de destinos profissionais para graduados em educação musical, no âmbito de três áreas principais: profissões básicas do músico, profissões que implicam conceber a Música como uma habilidade principal e, por fim, profissões que requerem a Música enquanto habilidade secundária.

Na primeira área enunciada pode-se incluir o artista, o professor de Música, o músico comunitário, entre outros. As profissões que implicam a Música enquanto a sua condição principal integram o musicólogo, o administrador musical, o músico-terapeuta, o engenheiro de som e o editor de música. A última categoria enunciada é constituída pelo crítico musical, o apresentador e o fabricante de instrumentos.

É, de facto, de extrema importância entender como é que o músico percebe a sua área de trabalho, enquanto entidade profissional.

Ser músico na sociedade atual implica uma atividade complexa englobando vários papéis diferentes do que somente executar e compor. Todas as funções de compositor, executante, líder e professor, encontram-se, por vezes, sobrepostas e encontram relevância no seio de todos os géneros musicais.

Assim, um artista poderá cantar ou tocar um instrumento, no entanto o seu papel no grupo que integra pode exigir as qualidades de um compositor, mediante a improvisação e capacidade de liderança.

Em suma, o músico trabalha em variadíssimos contextos, desempenhando várias funções: a de artista, de compositor, de professor, de líder, entre outros. Tudo isto exige que o músico seja *inovador e criador* que assuma correr riscos, *identificador* de habilidades que não existam e *proporcionador* de meios para as renovar, *parceiro/co-operador* desenvolvendo parcerias formais, *profissional de reflexão* no âmbito da pesquisa e contextos de avaliação de experiências, *colaborador*, desenvolvendo atividades com outros artistas profissionais, alunos e professores, *intermediário e empresário* (Smilde, 2008).

Todas estas funções podem ser relativas a todos os músicos profissionais integrados em determinado contexto cultural.

V) Metodologia

5.1. Metodologia da investigação e contexto do estudo

Feitas que estão as considerações de enquadramento vindas de expôr, e considerando os objetivos previamente definidos, propõe-se a realização de um estudo de caráter qualitativo e interpretativo em estreita conexão com toda a problemática desenvolvida, objetivos prévios e campo de análise.

Assim como objetivo geral pretende-se compreender o percurso de um músico profissional.

Com a formulação dos objetivos específicos pretende-se: a) identificar as especificidades pessoais e profissionais do músico profissional; b) caracterizar o modo de vida dos músicos profissionais; e c) conhecer a percepção dos músicos acerca da sua atividade profissional e consequente relevância na sociedade.

Desenvolvem-se, assim, objetivos exploratórios ou descritivos uma vez que se pretende identificar características do modo de vida do músico profissional selecionando áreas de interesse para a investigação.

Uma abordagem qualitativa de um estudo "*recorre a indicadores não frequenciais suscetíveis de permitir inferências...*". (Bardin, 1977, p.144).

De acordo com os objetivos, previamente definidos, o estudo de caso, enquanto abordagem metodológica, permite descrever, compreender e interpretar determinados acontecimentos num dado momento histórico. No estudo de caso os dados são selecionados de forma sistemática. "Um estudo de caso interessa-se sobretudo pela interação de factores e acontecimentos..." (Bell, 2008, p 23).

Procura-se, pois, identificar interações existentes entre determinados indicadores, relevantes no âmbito da problemática, com o objetivo de analisar o fenómeno em estudo, de uma forma o mais profunda e global possível, enquadrado numa dinâmica complexa.

Está-se perante uma investigação de caráter qualitativo, particular, centrada numa ideia específica, entendida como única, na perspetiva de poder contribuir para a compreensão global da mesma. Considera-se que o fenómeno em estudo não deve ser analisado fora do contexto no qual se insere devido ao seu grau de complexidade.

Nesta investigação opta-se, assim, pelo paradigma qualitativo enquanto esquema teórico abordando uma determinada metodologia de caráter qualitativo e interpretativo.

Valoriza-se o papel do investigador enquanto construtor de conhecimento.

Pretende-se compreender o mundo real dos sujeitos em estudo e as suas significações inerentes, num determinado contexto sociocultural. "Investigar implica interpretar ações de quem é também intérprete, envolve interpretações de interpretações - a dupla hermenêutica em ação." (Coutinho, 2014).

É com base no todo que se interpreta a parte do conhecimento em estreita interação.

Efetivamente, toda a metodologia irá orientar o investigador na busca do conhecimento em função do objeto de estudo.

Na investigação qualitativa, a um nível conceptual "o objeto de estudo(...) não são os comportamentos, mas as intenções e situações, ou seja, trata-se de investigar ideias, de descobrir significados nas ações individuais e nas interações sociais a partir a perspetiva dos atores intervenientes no processo." (Coutinho, 2014).

Todo este processo desenrola-se segundo um método indutivo, uma vez que se pretende descobrir a intenção da ação estudando o seu significado em determinado contexto. Assim sendo, a teoria surge, posteriormente aos factos e a partir da análise dos dados, assente na observação dos sujeitos e dos seus significados. Não será importante a uniformização dos comportamentos mas sim a diversidade individual. Não a generalização, mas sim a particularização de determinados significados e interações sociais.

Pretende-se descrever e compreender situações concretas do percurso de vida do músico profissional, no âmbito da sua prática social.

Realça-se, pois, o método de histórias de vida no sentido de retirar toda a subjetividade inerente ao modo de vida do músico profissional e interpretar significados do seu percurso de vida percebendo de que modo se correlacionam os conceitos de liberdade artística e sustentabilidade económica na sua vida quotidiana.

O método biográfico surge como forma de mediar a história individual e a história social envolto de uma subjetividade complexa, não numa perspetiva linear uma vez que o sujeito é ativo no processo de construção de conhecimento. Entende-se biografia enquanto "micro-relação social" (Bueno, sd).

No momento em que o sujeito descreve a sua história de vida fá-lo para o investigador também ele portador de uma subjetividade que lhe é inerente. Este não ouvirá somente um relatório de acontecimentos, mas experiências e vivências de vida através das quais poderá conhecer o indivíduo naquilo a que se propõe.

Este método permite, também, evidenciar e realçar o autoconhecimento do sujeito no seio das relações socioculturais em que se insere.

Cada história pessoal, cada projeto de vida encontram-se, pois, veiculados a uma história social.

Pretende-se através da análise de casos particulares ilustrar e compreender a natureza de um fenómeno global, neste caso, o modo de vida do músico profissional.

A abordagem metodológica da investigação é toda ela compreensiva e interpretativa mediante uma análise profunda dos dados recolhidos.

5.2. Participantes

A seleção dos participantes do estudo de caso, em número de cinco, teve em conta a necessidade de abarcar géneros, idades e níveis de instrução diferentes, mas que tivessem o denominador comum de serem músicos profissionais do distrito de Leiria.

Importa sublinhar que todos os participantes aceitaram participar no estudo, com a inerente identificação e divulgação dos dados, sem qualquer protecção de anonimato.

5.3. Instrumentos e técnicas de recolha de dados: o guião de entrevista semiestruturada

O instrumento de recolha de dados incide na entrevista semiestruturada e individual assente num guião previamente construído pelo investigador.

Pretende-se recolher informações, bem como, elementos que permitam refletir, conduzindo para o enquadramento e compreensão de toda a problemática.

Através do contacto direto entre o investigador e o entrevistado pretende-se obter a expressão das vivências e percepções de determinados acontecimentos. Neste contexto, o investigador tende a facilitar essa mesma expressão orientando a mesma no sentido dos objetivos definidos *à priori*, salvaguardando a autenticidade e profundidade dos dados recolhidos, não esquecendo que "... o espírito teórico do investigador deve, no entanto, permanecer continuamente atento, de modo que as suas próprias intervenções tragam elementos de análise tão fecundos quanto possível" (Quivy, 1992, p.193) .

A entrevista semiestruturada, tal como o conceito indica, não é nem aberta na sua totalidade, nem orientada por um conjunto de perguntas precisas. " Geralmente, o investigador dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado." (Quivy,1992, p.194).

O investigador terá um papel determinante na orientação e conexão das respostas obtidas relativamente aos objetivos pré-definidos.

É de salientar que, o instrumento metodológico em questão apresenta potencialidades, tais como, o grau de profundidade dos dados recolhidos, bem como, o ajuste, sempre possível, do guião elaborado em função da problemática e campo de análise.

Por outro lado, o instrumento descrito apresenta algumas limitações, tais como, a dificuldade na recolha dos dados uma vez que apresenta grande flexibilidade que nos pode levar a crer numa total espontaneidade por parte do entrevistado, bem como, numa atitude imparcial e neutra por parte do investigador.

No que diz respeito à análise dos dados, posteriormente à fase de recolha, far-se-á a análise de conteúdo de toda a informação recolhida. "A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações." (Bardin,1977, p.31).

Assim, pretende-se organizar e categorizar toda a informação recolhida para posterior análise, pressupondo princípios sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo dos dados para posterior inferência.

Pretende-se articular, de uma forma operacional, toda a categorização, para que seja possível delinear o trabalho de observação e de análise, deixando em aberto o questionar de novo acerca dos conhecimentos adquiridos. “São estes os distintivos da ciência: estar aberta para que todos a oiçam e todos terem a liberdade de dizer o que pensam.” (Bronowski, 1983, p.169).

Toda a fundamentação teórica dos conceitos, designadamente, o conceito de Cultura, Socialização, Identidade Pessoal e Social, Autoconceito, Música, Músico profissional, Liberdade Artística, Sustentabilidade Financeira e Percurso de Vida, irão basear-se na pesquisa bibliográfica.

5.4. O concreto guião de entrevista semiestruturada utilizado neste estudo de caso

Importava realizar entrevistas com um guião uniforme, elaborado tendo em conta o referido em 5.3., de molde a que a apresentação dos dados relativos às entrevistas a cinco músicos profissionais da zona de Leiria, permitam aceder a tentativas de respostas aos objetivos gerais e específicos pré-determinados. Para a realização das entrevistas, partiu-se assim de um guião por nós elaborado e que infra segue, para depois se apresentarem dados de acordo com categorias e subcategorias.

Assim, este foi o concreto guião para a realização das entrevistas:

GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- **Tema:**
- **Objetivo Geral:**
- **Entrevistado:**
- **Local e dia/hora:**

Determinação dos blocos	Objetivos específicos	Formulação de questões
Bloco A Legitimação da entrevista e	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> • Aceita colaborar nesta entrevista do trabalho com os objetivos explicados?

<p>motivação do entrevistado</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Posso divulgar os dados da entrevista e o seu nome: • Posso gravar a entrevista:
<p>Bloco B Caracterização do entrevistado</p>	<p>Conhecer o percurso formativo e experiência de cada entrevistado</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Idade; • Formação académica; • Instrumento de base; • Anos de trabalho;
<p>Bloco C Percurso profissional</p>	<p>Compreender e conhecer como e quando o entrevistado se tornou músico profissional</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Como e quando surgiu a sua paixão/interesse pela atividade musical? Consegue identificar algumas influências na sua escolha? • Como foi o seu percurso de aprendizagem musical? Quais os aspectos que considera terem sido mais importantes para a sua atividade enquanto músico? • Teve consciência do momento em que se tornou músico profissional? Quando é que tal ocorreu?
<p>Bloco D Atividade Profissional e sustentabilidade financeira</p>	<p>Identificar as especificidades da atividade de um músico profissional;</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O que faz concretamente no seu dia a dia no âmbito da sua atividade? • Qual a sua área específica? • A sua remuneração é mensal, semanal, ou ao dia? Como recebe? Quem lhe paga? • Qual o seu rendimento médio mensal? Considera tal rendimento

		<p>adequado ao exercício da sua atividade profissional?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolve alguma estratégia específica para promover a sua atividade? • Como e quem contrata os seus serviços? • Quando decidiu ser músico profissional teve em conta a sua sustentabilidade financeira?
<p>Bloco E Liberdade artística</p>	<p>Conhecer o modo como o entrevistado seleciona a atividade musicais em que assenta a sua atividade</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Quais os critérios que norteiam a seleção de atividades musicais em que trabalha? Pode explicar um pouco esses critérios? • Em algum momento equacionou mudar de profissão? Do que mais gosta na sua atividade profissional?
<p>Bloco F Perceção sobre o papel do músico na sociedade</p>	<p>Conhecer as atividades dos músicos profissionais sobre a sua própria atividade</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Que comentário lhe merece o panorama musical em Portugal? • Qual a sua ideia sobre o papel que desempenha na sociedade? • Como é que acha que a sociedade em geral o vê, enquanto músico profissional? • O que diria a um jovem músico que opte por uma carreira profissional? • Quais as características pessoais e profissionais que salienta em si?

<p>Bloco G</p> <p>Finalização</p>	<p>Dar oportunidade ao entrevistado de emitir opinião sobre algo mais que entenda pertinente</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Quer acrescentar alguma coisa que não lhe tenha sido perguntada? • Agradecimento.
------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Já a apresentação dos dados recolhidos nas entrevistas foi depois organizada de acordo com as seguintes categorias e subcategorias:

a) Categoria 1: Caracterização do entrevistado

- Idade;
- Formação/qualificações;
- Instrumento base;
- Início da actividade musical;

b) Categoria 2: Percurso profissional

- Interesse pela actividade musical;
- Consciencialização do momento da profissionalização na Música;

c) Categoria 3: Atividade musical e sustentabilidade financeira

- O dia a dia de um músico;
- Tipo de serviços prestados/contratos;
- Aspetos remuneratórios e sustentabilidade financeira;

d) Categoria 4: Liberdade artística

- Género de trabalho musical efectuado e existência de liberdade artística ou não quanto ao mesmo;
- e) Categoria 5: Perceção sobre o papel da música na sociedade
- Perceção do músico sobre a sua própria actividade e sobre o panorama musical português;
 - Características pessoais e profissionais que salienta em si.
- f) Categoria 6: Finalização

VI) Estudo de caso: 5 músicos profissionais da zona de Leiria

6.1. Apresentação dos dados das entrevistas

Neste capítulo analisaremos assim o estudo de caso, com base em cinco entrevistas, começando por elencar, por categorias temáticas, o conteúdo das mesmas de acordo com as categorias e subcategorias supra referidas.

6.1.1. Entrevista a Elsa Gomes

a) Categoria 1: Caracterização do entrevistado

- *Idade:* Elsa Gomes tem 41 anos de idade;
- *Formação/qualificações:* É licenciada em Comunicação Social;
- *Instrumento base:* O seu instrumento é a voz ;
- *Início da atividade musical:* Trabalha profissionalmente na Música há cerca de 20 anos.

b) Categoria 2: Percurso Profissional

- *Interesse pela atividade musical:* Nesta categoria pretende-se, além do mais, aferir quando surgiu o interesse pela atividade musical A entrevistada refere “Lembro-me que a minha mãe tinha umas cassetes da Amália e eu comecei a ouvir muito fado”. O seu primeiro contacto musical foi com o fado quando tinha apenas 5 anos. No entanto, a aprendizagem formal, aparece muito mais tarde. “Por volta dos 14 anos fui para a iniciação musical”. Embora tenha começado pelo piano, descobriu que era o canto a sua paixão. “Pedi à minha mãe para ir para o canto coral, onde eu estive 4 anos no orfeão de Leiria”.
- *Consciencialização do momento da profissionalização na Música:* Nesta categoria pretende-se ainda perceber se a entrevistada teve consciência do momento em que se tornou profissional. “Sim, eu tenho ideia que Leiria é uma zona que tem muitos músicos (...) um músico da nossa zona convidou-me para ser bailarina e cantora num projecto que ele tinha e eu aceitei”. Este foi o seu primeiro trabalho profissional tendo depois seguindo um percurso diferente.

“Depois disso, conheci um outro músico (...) ele convidou-me para começar a cantar com ele nos casamentos e eu aceitei”.

c) Categoria 3: Atividade profissional e sustentabilidade financeira

- *O dia a dia de um músico:* Nesta categoria interessa perceber algumas especificidades de um músico profissional tais como, o seu dia a dia, a sua remuneração, quem contrata os seus serviços, etc . Em relação ao dia a dia “Eu tento ouvir Músicas novas (...) e escolher Músicas para o meu repertório que se adequem àquilo que as pessoas pretendem e àquilo que eu faço no âmbito musical”. Considera-se uma cantora de Música ligeira e pop-rock.
- *Tipo de serviços prestados/contratos:* Elsa Gomes considera-se ecléctica, atuando quer em casamentos, bares, festas de empresa, noites de fados ou até num concerto ao ar livre.
- *Aspetos remuneratórios e sustentabilidade financeira:* No que tange à remuneração, a cantora considera ser o maior entrave desta profissão. “A minha remuneração é ao dia (...) é à actuação”. Consoante o tipo de atuação estabelece um preço para si e para os músicos que a acompanham. “Não existe aqui um só valor de remuneração, depende do tipo de serviço que apresento em termos de Música”. Recebe a remuneração no final de cada actuação pela pessoa ou entidade que a contratou. Quanto ao rendimento mensal sublinha que “O meu rendimento tanto pode ser €1.000,00 como €2.000,00, como ultrapassar esse valor (...) depende da quantidade de atuações que eu fizer (...) e essa é a grande questão, penso eu, que assola os músicos. É que nós não temos um rendimento fixo”. A cantora considera que a classe dos músicos é desprotegida em relação a outras profissões em geral. Normalmente, divulga os seus serviços nas várias plataformas digitais e através de uma rede de contactos que foi adquirindo ao longo dos anos. Relativamente à sustentabilidade financeira diz “Sim, claro, pensei duas vezes quando me dediquei exclusivamente, há 3 anos a esta parte, à Música”. No entanto, considerou ser um risco calculado.

d) Categoria 4: Liberdade Artística

- *Género de trabalho musical efetuado e existência ou não de liberdade artística quanto ao mesmo:* No que concerne a esta categoria, visa-se entender o que

norteia os músicos na escolha do género de trabalho musical que efetuam, que públicos procuram através do tipo de Música que interpretam e quão a liberdade artística que têm. Diz Elsa Gomes a este propósito que “Na área do fado, eu escolho os fados que eu acho que me sinto confortável a cantar”. Nos restantes trabalhos, não tem essa liberdade artística e sente que fica um pouco refém do que o público quer ouvir. “Tenho que ir ao encontro do gosto do público”. Já equacionou acumular uma outra profissão, devido à instabilidade financeira que a carreira musical lhe oferece.

e) Categoria 5: Perceção sobre o papel do músico na sociedade

- *Perceção do músico sobre a sua própria atividade e sobre o panorama musical português:* No seguinte item importa conhecer a perceção do músico sobre a sua própria atividade, bem como aferir da sua opinião pessoal em relação ao panorama musical em Portugal. Por fim, pergunta-se também sobre características pessoais e profissionais que cada um salienta em si. Elsa Gomes considera que “Cada vez mais as pessoas se interessam pela Música portuguesa”. Ainda assim, considera que há um longo trabalho a percorrer, principalmente ao nível das playlists das grandes rádios nacionais que são “manipuladas, entre aspas, para passar só determinado estilo musical”. Em relação ao seu papel na sociedade, salienta como mais importante passar sentimento e emoção através da sua voz e das melodias que interpreta. Quanto ao modo como acha que a sociedade a vê, afirma que “tenho credibilidade, sou uma pessoa que não falha com os seus compromissos, sinto que sou credível e bem acolhida”. Sobre a questão “O que diria a um jovem músico que opte por uma carreira profissional?” é peremptória “Aprenda um instrumento”. Na sua opinião, considera que os métodos de aprendizagem musical não são aliciantes e motivadores, deveriam assim ser repensados por forma a atrair mais jovens para a iniciação musical.
- *Características pessoais e profissionais que salienta em si:* Quanto às características pessoais e profissionais Elsa Gomes refere “Sou divertida, não tenho medo de estar no palco, consigo facilmente ler aquilo que o público quer ouvir. Consigo chegar às pessoas, consigo comunicar”.

f) Categoria 6: Finalização

Nesta última categoria a entrevistada é inquirida sobre se quer dizer algo que não lhe tenha sido questionado.

Nessa sequência, Elsa Gomes quis sublinhar que por vezes os músicos profissionais não são vistos como tal. “Acham que o músico está sempre muito bem disposto, disponível para tocar ou para cantar (...) acham que não nos custa”. Referiu ainda que, algumas vezes, não tem vontade de cantar e “tal como o palhaço, tenho de vestir o meu papel, encarnar um personagem e tentar não transmitir os meus problemas para as pessoas.”

6.1.2. Entrevista a Sérgio Fernandes

a) Categoria 1: Caracterização do entrevistado

- *Idade:* Sérgio Fernandes tem 38 anos de idade;
- *Formação/qualificações:* É licenciado em Ensino de Educação Musical para o ensino básico;
- *Instrumento base:* O seu instrumento é o piano ;
- *Início da atividade musical:* Trabalha na Música desde os 15 anos de idade.

b) Categoria 2: Percurso Profissional

- *Interesse pela atividade musical:* O interesse pela atividade musical começou muito cedo. Iniciou a sua formação musical aos 10 anos numa filarmónica onde começou por tocar bateria. Paralelamente, frequentou outra escola onde iniciou as aulas de teclado. Nesta altura, fez parte de algumas formações musicais. Segundo refere “Apesar de o meio em que estava envolvido ser relativamente pequeno, tinha bastantes músicos e, à época, havia alguma facilidade em chegar a todo um conjunto de aprendizagens musicais”.
- *Consciencialização do momento da profissionalização na Música:* Em relação à questão da consciência do momento em que se tornou músico profissional, Sérgio Fernandes é peremptório “não posso apontar nenhum dia nem nenhum ano sequer em que tivesse decidido tornar-se músico profissional” uma vez que considera ter sido um percurso natural em que as coisas foram acontecendo quase que inconscientemente.

c) Categoria 3: Atividade profissional e sustentabilidade financeira

- *O dia a dia de um músico:* No seu dia a dia, ouve músicas, segundo afirma “com o intuito de enriquecer o repertório” que já tem, investe muito tempo em software ligado à Música e também na parte de programação de teclados.
- *Tipo de serviços prestados/contratos:* Considera-se um músico de entretenimento e animação (casamentos; festas; etc.)
- *Aspectos remuneratórios e sustentabilidade financeira:* No que diz respeito à remuneração, a mesma é efetuada no fim de cada atuação. Não tem remuneração mensal fixa, ou seja, “quando tenho atuações recebo, quando não tenho obviamente não recebo”. Entende que “atendendo que grande parte da população subsiste com o ordenado mínimo, posso dizer que aquilo que recebo satisfaz as minhas necessidades”. Divulga o seu trabalho nas redes sociais e geralmente é contratado por pessoas que o conhecem de outras atuações que presenciaram. Procura conquistar novos mercados através da diversidade de trabalhos que se propõe realizar. Confessa que numa primeira fase não teve em conta a sustentabilidade financeira da profissão, mas “a partir do momento em que se começa a constituir família, obviamente que isso é um fator determinante”.

d) Categoria 4: Liberdade Artística

- *Género de trabalho musical efetuado e existência ou não de liberdade artística quanto ao mesmo:* Considera que realiza alguns trabalhos musicais pouco rentáveis mas que o compensam ao nível pessoal, mas também sucede o contrário, nos casos em que a vertente financeira se sobrepõe ao gosto próprio. Em nenhum momento equacionou mudar de profissão. No que concerne ao que que mais gosta na profissão realça: “gosto essencialmente do contacto com o público, gosto do contacto com outros músicos”.

e) Categoria 5: Perceção sobre o papel do músico na sociedade

- *Perceção do músico sobre a sua própria atividade e sobre o panorama musical português:* Considera que o panorama musical português está um pouco melhor de há alguns anos a esta parte. No entanto, refere a importância do papel

economicista da indústria musical que cada vez mais se vai sobrelevando ao carácter artístico da mesma. Relativamente ao modo como a sociedade vê o músico, sublinha que a atividade não é muito bem vista sendo que lhe perguntam muitas vezes “Sim.. és músico... mas qual é a tua profissão?”. Na sua opinião, a sociedade vê a atividade musical apenas como um hobby. Assume claramente que o músico tem um papel relevante na sociedade embora não reconhecido. Diria a um jovem músico que a optar por ser profissional que, em primeiro lugar, teria que gostar muito de Música e pensar bem se quer a Música como profissão ou como um passatempo. Caso opte enveredar pela Música ao nível profissional “tem que se preparar para grandes sacrifícios, quer pessoais quer económicos quer a nível familiar. O tipo de vida que o músico é obrigado a ter não é propriamente fácil como a grande maioria das pessoas possa pensar”.

- *Características pessoais e profissionais que salienta em si:* No que concerne à sua pessoa, Sérgio Fernandes acha-se humilde e empenhado em todos os projetos nos quais participa.

f) Categoria 6: Finalização

Nesta última categoria, sendo o entrevistado inquirido sobre se quer dizer algo que não lhe tenha sido questionado, o mesmo afirmou que não.

6.1.3. Entrevista a Mário Carreira

a) Categoria 1: Caracterização do entrevistado

- *Idade:* Mário Carreira tem 49 anos de idade;
- *Formação/qualificações:* Tem o 12.º ano de escolaridade incompleto e 5 anos de Conservatório;
- *Instrumento base:* O seu instrumento é o baixo ;
- *Início da atividade musical:* Trabalha na Música há 35 anos.

b) Categoria 2: Percurso Profissional

- *Interesse pela atividade musical:* Mário Carreira sempre gostou de Música, tendo despertado para este gosto sensivelmente aos 7 anos de idade. Não apresenta nenhuma razão factual para este gosto pois “ninguém da família tocava, foi mesmo uma paixão individual”. Considera que a passagem pelo Conservatório serviu essencialmente para mostrar aos pais que podia viver da Música e não tanto por um interesse seu. Quando colocada a questão sobre os aspetos mais importantes para a sua escolha, responde de forma clara “Era mesmo a paixão pela Música, era toda aquela ambição de tocar numa banda, de fazer uns espetáculos”.

- *Consciencialização do momento da profissionalização na Música:* O momento em que teve consciência que ia ser músico profissional aconteceu com 18 anos, naturalmente, quando começou a ter que assumir as suas despesas pessoais, porque até então “ganhava dinheiro para comprar instrumentos, para adquirir informação, livros e vídeos”. A partir dessa idade tomou consciência que precisava de ganhar dinheiro para ter um carro, uma casa, no fundo, ser independente.

c) Categoria 3: Atividade profissional e sustentabilidade financeira

- *O dia a dia de um músico:* Mário Carreira, no seu dia a dia, pratica o seu instrumento, prepara músicas, escrevendo as partituras das músicas dos vários trabalhos em que está envolvido. Para além disto, ouve muita Música no sentido de estar atualizado em relação aos novos trabalhos que vão saindo.
- *Tipo de serviços prestados/contratos:* Considera não ter nenhuma área específica musical nem nenhum serviço tipificado (“como trabalho com vários tipos de projetos diferentes, não tenho assim nada muito específico”).
- *Aspetos remuneratórios e sustentabilidade financeira:* Em relação à remuneração, Mário Carreira foi bastante claro: “Não é um rendimento mensal fixo, tenho que eu fazer a minha gestão de não gastar se ganhar muito num mês, não gastar esse plafond todo, porque eu nunca sei se no próximo mês tenho trabalho ou não”. Como trabalha com vários projetos recebe dos donos das bandas para quem trabalha e, no caso dos bares, diretamente dos seus proprietários. No que concerne ao rendimento médio mensal diz que “Já foi melhor em tempos. Atualmente não é um pagamento tão bom. Mas gerindo bem as coisas consegue-se viver”. Não desenvolve nenhuma estratégia de divulgação do seu trabalho. Afirma que “a minha estratégia é fazer um bom trabalho sempre que me contratam”. Refere que já trabalhou para artistas nacionais como Luis Portugal, Mara Abrantes e Mickael Carreira. Quanto à

pergunta se teve em conta a sustentabilidade financeira ou falta dela quando decidiu ser músico profissional, disse que sim, principalmente por não ser um trabalho estável. No entanto, a enorme paixão que nutre pela Música falou mais alto.

d) Categoria 4: Liberdade Artística

- *Género de trabalho musical efetuado e existência ou não de liberdade artística quanto ao mesmo:* Os critérios que norteiam a seleção das atividades musicais em que trabalha, normalmente são escolhidos, não pelo estilo musical, mas pelas pessoas com quem trabalha (“como a Música é uma paixão minha, pelo menos quero fazê-la com as pessoas que eu gosto”). Em nenhum momento equacionou mudar de profissão devido à grande paixão que tem pelo que faz. Gosta de tocar, conhecer muita gente e ainda das viagens que os espetáculos proporcionam.

e) Categoria 5: Perceção sobre o papel do músico na sociedade

- *Perceção do músico sobre a sua própria atividade e sobre o panorama musical português:* Quando inquirido sobre o estado do panorama musical em Portugal, Mário Carreira refere que “A palavra certa é: desorganizado”. Na sua opinião, a classe musical não se organiza de molde a ter uma maior proteção, estando todo o poder localizado nas editoras que apenas visam o lucro fácil e imediato. Sobre o seu papel individual na sociedade sublinha que “principalmente é fazer que as pessoas que estejam à minha roda se sintam bem. Estejam divertidas (...) Deixar as pessoas bem dispostas, de bem com a vida.” Sobre a maneira como a sociedade o vê, pensa que as pessoas têm uma opinião sobre ele: “Acho que toda a gente me acarinha e tem um certo respeito por mim”. Em relação ao que diria a um jovem músico que opte por uma carreira profissional, diria “que trabalhe a sério, não é uma profissão fácil (...) como isto parece tudo um divertimento, não pensem que isto não é uma profissão séria”.
- *Características pessoais e profissionais que salienta em si:* Mário Carreira considera-se uma pessoa bastante profissional, rigoroso nos horários, e não é conflituoso com as demais pessoas que trabalham com ele.

f) Categoria 6: Finalização

Neste item, apenas disse “Oiçam Música e dêem valor, realmente, aos músicos”.

6.1.4. Entrevista a João Maneta

a) Categoria 1: Caracterização do entrevistado

- *Idade:* João Maneta tem 34 anos de idade;
- *Formação/qualificações:* Tem o 12.º ano de escolaridade concluído;
- *Instrumento base:* O seu instrumento base é a bateria;
- *Início da atividade musical:* Trabalha na Música há 16 anos.

b) Categoria 2: Percurso Profissional

- *Interesse pela actividade musical:* João Maneta viveu numa localidade que tem uma filarmónica e foram os amigos que o influenciaram para fazer parte da mesma. Foi nesta que deu os seus primeiros passos na Música. Diz que “depois fui estudar para o Conservatório, estudei percussão clássica e, mais tarde, fui para Lisboa estudar jazz para o Hot Club”. Enfatiza a influência dos amigos no seu percurso musical.
- *Consciencialização do momento da profissionalização na Música:* Considera que ser músico profissional não foi algo que um dia lhe aconteceu, mas antes algo que foi acontecendo, embora não tenha ninguém na família na área musical.

c) Categoria 3: Atividade profissional e sustentabilidade financeira

- *O dia a dia do músico:* No seu dia a dia, estuda o seu instrumento e compõe músicas para algumas bandas das quais faz parte. Além disto, tem também muitos ensaios, fruto do trabalho que desempenha em várias formações musicais. Para além do instrumento base (bateria), toca um pouco de guitarra e piano e, em relação à sua área específica, disse “a área onde me integro melhor, onde gosto mais de estar, foi onde estudei mais: é o jazz”, assim tentando trabalhar no seu dia a dia tendo isso em conta.

- *Tipo de serviços prestados/contratos:* À pergunta sobre o tipo de trabalhos e quem contrata os seus serviços, respondeu que depende muito do género de trabalhos que executa: “Se eu tocar com uma banda – que é os Desbundixie -, que é jazz dos anos 20, trabalhamos muito para Câmaras Municipais; no caso dos bares (todos os outros géneros musicais), é pago pelos donos dos estabelecimentos”.
- *Aspetos remuneratórios e sustentabilidade financeira:* No que diz respeito à remuneração do seu trabalho, afirma de forma natural “Se houver concertos há pagamentos, se não houver concertos não há dinheiro”. Neste sentido, não tem um rendimento fixo mensal. Opina que os músicos deveriam ser mais bem pagos, mas, não obstante, refere “vivo bem dentro da média”. Em relação à divulgação do seu trabalho usa apenas as redes sociais para os promover. João Maneta confessa que decidiu ser músico sem ter em conta a sua sustentabilidade financeira: “Quando dei por mim a trabalhar, já era músico”.

d) Categoria 4: Liberdade Artística

- *Género de trabalho musical efetuado e existência ou não de liberdade artística quanto ao mesmo:* João Maneta sublinha que os aspetos financeiros são, em primeira instância, muito importantes. No entanto, tenta sempre que possível tocar o que mais gosta: “Tocar com bons músicos, trabalhos feitos em condições”. Pese embora a sua área de eleição seja o jazz, porque “Em Portugal não se ouve muito jazz”, e por motivos financeiros, acaba por tocar outros estilos musicais de que também gosta. No que tange à pergunta se equacionou em algum momento mudar de profissão, diz que “sinceramente acho que não, até porque não sabia bem o que havia de fazer”. Refere que o que lhe dá mais prazer na profissão é “fazer boa Música, com bons músicos, que sejam bons amigos, em que todos tenham prazer no que estão a fazer”.

e) Categoria 5: Perceção sobre o papel do músico na sociedade

- *Perceção do músico sobre a sua própria atividade e sobre o panorama musical português:* Em relação ao panorama musical no nosso país diz “Está um bocado anti-músicos. Cada vez mais, nos estúdios, a Música é feita por máquinas (...) O tipo de Música que se vende, também não é tocada. Os músicos já são dispensados. É a era das kizombas e dos Dj’s”. Na sua opinião, tem um papel importante na sociedade, uma vez que a cultura é essencial: “a Arte traz alegria

às pessoas”. João Maneta pensa, sinceramente, que a maioria das pessoas, tem admiração pela sua atividade, referindo que “dão valor aos artistas”. Embora considere a profissão alegre, confia que, por vezes, tem que tocar sem vontade, dizendo “como em qualquer profissão, nem sempre estamos bem”. A um jovem músico que opte por uma carreira profissional João Maneta é bastante claro, sugerindo que deve estudar bastante e ser persistente, porque há sempre espaço para bons músicos.

- *Características pessoais e profissionais que salienta em si:* João Maneta salienta, em relação à sua pessoa, características como humildade, bom trabalhador e gostar de tocar, referindo “sou amigo do meu amigo”.

f) Categoria 6: Finalização

Neste item, João Maneta não achou necessário acrescentar algo mais.

6.1.5. Entrevista a Ana Sofia Brito

a) Categoria 1: Caracterização do entrevistado

- *Idade:* Ana Sofia Brito tem 36 anos de idade.
- *Formação/qualificações:* Tem o 9º ano de escolaridade.
- *Instrumento base:* O seu instrumento base é a voz.
- *Início da atividade musical:* Trabalha exclusivamente na Música há 5 anos. .
Anteriormente acumulava outra atividade como locutora de rádio.

b) Categoria 2: Percurso Profissional

- *Interesse pela atividade musical:* Começou a cantar com 9 anos de idade, de uma forma natural, não tendo qualquer formação académica na área: “Surgiu de uma forma muito natural, o gostar muito, uma paixão muito grande, um amor muito grande pelo canto, pela Música em si. E com muita persistência fui sempre acalentando este sonho até aos dias de hoje e tornar-me profissional”.
- *Consciencialização do momento da profissionalização na Música:* Ana Sofia teve plena consciência do momento em que se tornou profissional porque ficou

desempregada como locutora de rádio em 2010. Desde então, vive exclusivamente da sua atividade musical.

c) Categoria 3: Atividade profissional e sustentabilidade financeira

- *O dia a dia de um músico:* No seu dia a dia faz exercícios vocais, mas, confessa, não tantos quanto deveria. “Até um simples andar durante o dia e assobiar para quem não sabe é importante para exercício das cordas vocais”.
- *Tipo de serviços prestados/contratos:* Considera-se uma cantora versátil, que gosta de cantar um bocadinho de tudo. Justifica “não tenho um estilo específico enquanto cantora, porque gosto efetivamente de cantar e de experimentar novos estilos musicais”. Na sua opinião, este facto, representa uma mais valia para si enquanto profissional uma vez que tem um repertório mais completo. O seu projeto principal é uma banda de camião-palco com 12 músicos e atua essencialmente no verão, sendo o dono da banda que lhe paga no final de cada atuação.
- *Aspetos remuneratórios e sustentabilidade financeira:* Respeitante à remuneração refere que “é ao dia exatamente, ou seja, em cada espetáculo que faço, faço o espetáculo e recebo no final”. O pagamento é feito pelas entidades que a contratam. Em relação ao rendimento mensal diz que “andarà à volta dos €1.000,00, isto na altura do verão”. Quando lhe foi colocada a questão do que sucede no inverno referiu que embora dê total exclusividade à banda acima referida, trabalha nesta altura do ano com outros músicos como cantora *freelancer* em duo ou em trio em bares mas onde os *cachets* são, por regra, baixos. Frisou que “Quando se está a pagar a um artista não se está a pagar só o momento em que estamos lá... temos ensaios, temos que estudar, tem uma data de situações que é óbvio que as pessoas nem sequer pensam nisso”. Neste sentido, os preços praticados nesses bares nem sempre são os mais justos ou condizentes com o trabalho efetuado. O seu principal meio de divulgação são as redes sociais: “tenho uma página no facebook Ana Sofia Cantora”. No que tange à sustentabilidade financeira da profissão, considera ser um fator muito importante e, como tal, teve-o em conta aquando da profissionalização. Diz que “não é de todo fácil viver só da Música. É preciso trabalhar muito é preciso ter uma média de concertos por mês que dê precisamente para ter essa sustentabilidade financeira (...) alguns meses seriam difíceis se eu não tivesse um companheiro que pudesse ajudar”.

d) Categoria 4: Liberdade Artística

- *Género de trabalho musical efetuado e existência ou não de liberdade artística quanto ao mesmo:* Considera-se cantora por paixão, por amor, e foi essencialmente esse gosto que a levou a trabalhar com uma banda de 12 músicos, onde, obviamente, devido ao elevado número de pessoas por quem distribuir o *cachet*, o mesmo será individualmente mais baixo. Nunca equacionou mudar de profissão. Acumular outra, sim. Mas o grande amor da sua vida é, segundo diz, sem dúvida, a Música. Adora o contacto com o público e essencialmente adora cantar, respondendo deste modo à pergunta do que mais gosta na profissão.

e) Categoria 5: Perceção sobre o papel do músico na sociedade

- *Perceção do músico sobre a sua própria atividade e sobre o panorama musical português:* No que concerne ao panorama musical em Portugal afirma que “Está de saúde e recomenda-se!”. Contudo, refere que há trabalhos no mercado com pessoas a cantar mal e orquestrações deficientes. Sobre a questão do seu papel na sociedade diz “Acho impressionante pessoas que nos vão ver cantar, vão uma vez, vão duas, depois começam sempre a ir, nós temos essa situação dos chamados fãs da banda, que não nos conhecem, só nos ouvem cantar e apreciam o nosso trabalho e que têm um carinho e uma admiração por nós, de uma forma impressionante (...) As pessoas admiram-me muito e vêem-me como um exemplo”. Deste modo, contribui para o bem estar dessas pessoas, até como forma de entretenimento e Cultura ao mesmo tempo. Em relação à pergunta de como a sociedade a vê, afirma que se sente valorizada, admirada e acarinhada, justificando nos seguintes termos “Quando se consegue cantar com a alma, consegue-se chegar facilmente ao público, não é? E acho que as pessoas conseguem perceber isso no meu trabalho, conseguem perceber que eu sou muito verdadeira e o que estou a fazer é precisamente para elas”. Na mesma linha de pensamento, diria a um jovem que optasse por uma carreira profissional que trabalhasse com muito amor e persistência na luta desse objetivo, ressalvando que, assim deverá ser mas apenas se o talento existir. Ana Sofia afirma assertivamente “quando não há talento, não vale a pena insistir”. Aos que seguirem a carreira profissional deixa um aviso: “Não é uma vida fácil, a de músico. As pessoas por vezes pensam que é, mas não é. É muita luta, são muitas noites que se perdem.” Acrescenta ainda que há dias que não lhe apetece

cantar. Não obstante, tem que ir desempenhar o seu papel o melhor que sabe e pode.

- *Características pessoais e profissionais que salienta em si:* Quanto às características pessoais e profissionais que salienta em si, Ana Sofia Brito destaca a simpatia e persistência, bem como facto de ser muito comunicativa. Considera-se uma perfeccionista e trabalha com muito amor à profissão.

f) Categoria 6: Finalização

Neste item, a cantora acrescenta apenas “A Música faz bem a qualquer ser humano. Sejam felizes e ouçam muita Música!”.

6.2. Análise e discussão dos dados das entrevistas

Visto o conteúdo objetivo das entrevistas realizadas, importa agora realizar a análise desse mesmo conteúdo.

Assim, iremos agora apresentar alguns resultados que se extraem das entrevistas realizadas, sempre tentando responder aos objetivos gerais e específicos que previamente se delinearam para o presente estudo.

Relembremos que, como objetivo geral pretendia-se compreender o percurso de um músico profissional e, como objetivos mais específicos, pretende-se: a) identificar as especificidades pessoais e profissionais do músico profissional; b) caracterizar o modo de vida dos músicos profissionais; e c) conhecer a perceção dos músicos acerca da sua atividade profissional e conseqüente relevância na sociedade.

Assim, importa apresentar a análise dos dados do estudo de caso, não sem antes salientar que o que se dirá não constitui verdade irrefutável, mas antes o que resulta e se pode extrair do estudo de caso em apreço, com base em cinco entrevistas semiestruturadas.

Para tanto, aglutinaram-se os resultados, por temas que abrangem as categorias/subcategorias supra citadas e que abrangem igualmente os objetivos traçados. Assim, iniciaremos pela caracterização dos entrevistados, passando depois ao percurso profissional. De seguida terá lugar uma reflexão a propósito do tipo de trabalhos e liberdade artística versus aspetos remuneratórios e sustentabilidade financeira e terminaremos com a análise da visão do panorama musical e imagem social e pessoal do músico.

6.2.1. Caracterização dos entrevistados

Em primeiro lugar importa realçar a heterogeneidade dos cinco entrevistados, quer ao nível do género, duas mulheres e três homens, bem como o grau académico que oscila entre o 9.º ano de escolaridade e o ensino superior. Acresce que se dedicam a instrumentos diversos conforme se individualizou (voz, piano, baixo, bateria).

Em comum têm, além da profissão de músicos profissionais, o facto de todos eles residirem na região de Leiria.

6.2.2. Percurso Profissional

Os entrevistados responderam, em geral, de forma muito clara e assertiva às várias questões que lhes foram colocadas.

Importa desde logo realçar que o gosto musical foi algo que surgiu precocemente em todos os entrevistados.

Ao velho ditado “filho de peixe sabe nadar”, os nossos entrevistados não lhe fazem jus. Isto porque, apenas a entrevistada Ana Sofia realçou ter familiares ligados à área musical. Sérgio Fernandes, João Maneta e Elsa Gomes afirmaram claramente que foi o meio envolvente onde cresceram que os conduziu à profissão que abraçaram, sendo que Mário Carreira considera ter sido uma forte paixão individual e intrínseca pela Música, manifestada desde muito cedo que o fez seguir a Arte dos sons e dos silêncios.

Aliás, muitos músicos que se vêem a profissionalizar, confessam que foi importante o contacto com o meio musical desde muito jovens.

Como refere Stephanie Pitts “Nonetheless, the sense of affinity with music which childhood experiences can generate shows the importance of providing such opportunities for young people, within and beyond school.” (Pitts, 2004, p. 51). Daí que seja importante proporcionar o contacto musical em tenras idades, a par do contacto com as disciplinas tradicionais. Partilhamos assim da opinião de Gary McPherson quando afirma que “Most of the literature on motivation concerns young people’s motivation to learn the so-called ‘academic’ school subjects such as mathematics, reading and science. However, music provides children with a wide range of opportunities for engagement, including formal settings within schools as well as more informal social and recreational contexts outside of schools. In contrast to disciplines that are primarily knowledge based or cognition intense, music also places demands on students to develop skills and express emotions”. Bebendo da mesma ideia e realçando a importância do contexto, dos professores e do meio musical, desde idade muito jovem, dizem Buland, K. e Davidson, J. W., 2006, p. 745, que “Social influences on the developing child musician are importante for motivating and regulating. The personality characteristics of teachers, for example, are thought to be key in initiating and sustaining a child’s interest in music, and high levels of parental support are necessary for a child to become a successful child musician”. (McPherson, 2006, p. 230).

Assim, parece poder extrair-se do estudo, e de acordo com as entrevistas feitas neste estudo, que o meio envolvente e a dinâmica musical de determinado local bem como as inerentes amizades dentro do mesmo, justificam uma maior inclinação para uma determinada área, neste caso, a Música, e que tal muitas vezes, sucede desde tenras idades.

Deste modo, conclui-se neste estudo que, para a opção por uma carreira profissional e a construção dinâmica da identidade pessoal profissional, pesará mais o meio sociocultural onde crescemos do que linhagens ou “heranças musicais” familiares, sendo assim possível importar para o meio musical, os ensinamentos mais abrangentes de Ricardo Vieira (Vieira, 2009).

No fundo, quanto à aptidão musical e profissionalização nesta área, a vocação e o contexto em que se vive aparentam ser, de acordo com o presente estudo de caso, muito mais relevantes para a identidade pessoal e profissional e projeto de vida do músico, que outros fatores como por exemplo, de herança musical familiar.

Mostra-nos também a enorme importância que as pequenas escolas de Música e filarmónicas têm especificamente na zona de Leiria, não raras vezes invocada como sendo um grande “ninho” de músicos de qualidade, com importância na economia local e distrital.

Em suma, o estudo de caso confirma o referido na bibliografia existente e já citada sobre a construção da identidade pessoal, designadamente musical: a inexistência de hereditariedades como determinismos, reforçando-se antes a importância do meio social e do percurso próprio e autoformação (cfr, por exemplo, Touraine e Khrosrokhavar, 2001, p. 35 e também Castells, 2002, p. 26 ou ainda Costa, 2001, p. 62), sem com isso se negar a influência do contexto escolar e familiar mas apenas como um dos factores de motivação para a prática musical na vida adulta (neste ponto atente-se nos ensinamentos de Pitts, 2004).

Outro aspeto extremamente interessante prende-se com o facto de todos os entrevistados terem referido que o percurso musical surgiu e cresceu de forma tão natural ao ponto de dois dos entrevistados não conseguirem sequer definir a altura exata em que se tornaram profissionais, ficando a ideia de não se tratar de uma opção consciente mas sim de uma inevitabilidade. De resto, esta é uma ideia que perpassa na literatura analisada: muitos dos músicos que se profissionalizaram, não o referem como uma escolha mas como a única coisa que queriam fazer, quase que uma compulsão ou necessidade. Veja-se Stephanie Pitts, referindo “Participation in music is often described by those involved as being compulsive or necessary” (Pitts, 2004, p.29).

Os restantes músicos, embora enfatizem esse percurso natural, conseguem ter a noção do momento da profissionalização. Curiosa a situação de Mário Carreira, que pese embora já vivesse da Música há muitos anos, só teve consciência que era profissional quando saiu de casa dos pais e começou a ter a seu cargo todas as despesas pessoais pagas pelo exercício da sua atividade musical.

No seu dia-a-dia, todos os entrevistados acabaram por referir, desempenhar atividades similares que se prendem com ensaiar reportório, dedicar tempo ao instrumento base de cada um. Contudo, como veremos, esta não é a única unanimidade que o estudo demonstra.

6.2.3. Tipo de trabalhos e liberdade artística versus aspetos remuneratórios e sustentabilidade financeira

Uma outra ideia que suscita alguma curiosidade, sendo totalmente explicada por todos os entrevistados, é o facto de não auferirem um rendimento fixo mensal. Aliás, nem anual. Recebem a sua remuneração no fim de cada atuação, ficando deste modo reféns do número de atuações que têm por mês.

Em bom português, João Maneta, cita com naturalidade surpreendente “se houver concertos há pagamentos, se não houver não há dinheiro”. De resto, como ressalta unanimemente das entrevistas, o pagamento é geralmente efetuado por atuação, e no final da mesma, pela entidade promotora, seja ela pública ou privada.

É certo que, na Música, como noutras Artes, o artista, idealmente, deveria tocar e cantar o que gosta, independentemente do que isso implique para a almejada estabilidade e sustentabilidade financeira. Daí que, na literatura sobre o tema, muitas vezes apareça uma visão algo romântica da atividade musical profissional, desligada da rentabilidade e do sucesso comercial. Veja-se, por exemplo, o referido a propósito de um quarteto concreto - os “Detroit String Quartet”, sublinhando-se que “beautiful music was far more importante to quartet members than critical or comercial success” – Butterworth, 1990;221 citado por Pitts, 2004, p. 69.

No entanto, de acordo com os participantes no estudo ora levado a cabo, ressalta como evidente, a pragmática necessidade e preocupação dos músicos profissionais com a estabilidade e sustentabilidade financeira. Esta é de facto, na opinião de todos, a maior preocupação da classe musical profissional.

Elsa Gomes vai mais longe, considerando ser este o principal receio para quem pense em enveredar pela carreira musical, que considera ainda desprotegida em relação a outras. A constante interrogação intimidatória sobre ter ou não atuações suficientes para o mês seguinte de modo a suprir as despesas de subsistência é uma preocupação para toda a classe.

Não obstante, apenas a entrevistada Ana Sofia referiu que, não fora a ajuda do seu companheiro nos meses mais difíceis, teria muita dificuldade para subsistir economicamente. Os restantes, de uma forma ou de outra, apesar da incerteza remuneratória, conseguem viver de forma satisfatória.

Podemos então aferir neste estudo que a grande preocupação inerente a esta profissão não é tanto o valor do rendimento recebido mas sim a volatilidade do mesmo, provocando uma sensação de incerteza em relação a um futuro próximo.

Relembremos aqui os ensinamentos de Rineke Smilde já supra citados no sentido em que o músico muito dificilmente detém um emprego para toda a sua vida, vai, sim, desenvolvendo um conjunto de trabalhos sucessivos no âmbito da sua área da profissão musical. Aliás, tal autor, como vimos, identifica vários tipos de destinos profissionais para graduados em educação musical, no âmbito de três áreas principais: profissões básicas do músico, profissões que implicam conceber a Música como uma habilidade principal e, por fim, profissões que requerem

a Música enquanto habilidade secundária. Em suma, o músico trabalha em variadíssimos contextos, desempenhando várias funções: a de artista, de compositor, de professor, de líder, entre outros (Smilde, 2008).

Não olvidemos, contudo, que do estudo de caso parecem emergir outros vetores que contribuem para um maior sucesso e maior sustentabilidade financeira do músico profissional, sendo um dos mais relevantes a publicitação do seu trabalho. Ou seja, para haver rendimentos, o trabalho tem de ser conhecido e publicitado.

Neste aspeto, a unanimidade regressa completamente no que diz respeito à necessidade de divulgação dos serviços que os entrevistados prestam.

Como já se deixou supra citado noutra parte deste estudo, sobretudo no território digital "os artistas procuram respostas que sejam criativas e críticas." (Ruhrberg, 1999, p. 577).

As redes sociais são o principal meio de divulgação e de marketing de todos os entrevistados, embora um dos entrevistados assegure que o melhor marketing é a qualidade e o profissionalismo do trabalho prestado, o que, diga-se também exige alguma inovação, por exemplo, através da comunicação com outras áreas artísticas. Veja-se Rineke Smilde quando sublinha que "A interação com outras formas de Arte permite a abertura de colaboração cruzada entre Artes e géneros e tem proporcionado um impacto visível na educação musical. O interesse cada vez maior na possibilidade de se acrescentar um componente visual ou teatral à performance e o desenvolvimento da mídia tem acarretado inúmeras colaborações interdisciplinares envolvendo músicos, atores, dançarinos e artistas plásticos de todos os tipos. Este fato significa que o músico integra seu trabalho numa visão artística mais complexa, englobando as diversas formas de Arte. Portanto, há um crescimento estável de novos tipos de performance e produção" (Smilde, 2008, p. 115).

No que tange à liberdade artística, emerge outra conclusão digna de registo, o facto de esta, no estudo de caso feito, ser diminuta.

Não deixa de ser enigmático que as atividades musicais mais rentáveis não correspondam ao gosto ou inclinação musical de cada um. À exceção da entrevistada Ana Sofia Brito que está num projeto essencialmente por amor e não tanto pelo rendimento que auferir (e talvez por isso quem manifesta maiores dificuldades económicas), os restantes admitem tocar vários géneros e estilos musicais no sentido de aumentar o seu rendimento independentemente do prazer musical que tal lhes proporciona.

Com efeito, quer do estudo de caso quer da bibliografia, parece extrair-se a ideia que o músico profissional acaba por ter que diversificar os contextos e tipos de trabalho, não tendo a estabilidade garantida, tendo ainda que ceder nalguma liberdade artística ou até quanto ao gosto musical próprio.

Outro aspeto que pensamos ser relevante é o facto de todos os entrevistados atribuírem grande importância aos elementos com quem trabalham e valorizarem bastante essa situação, sendo em alguns casos tão importante como o fator remuneratório. Tal facto sobeja para afirmarmos o carácter musical e pessoal na formação dos vários grupos de trabalhos. Não

podemos deixar de voltar a citar Mário Carreira quando afirma “como a Música é uma paixão minha, pelo menos quero fazê-la com as pessoas que eu gosto” ou como João Maneta “fazer boa Música, com bons músicos, que sejam bons amigos”.

Não é de estranhar a importância que o músico dá ao grupo de pessoas com quem trabalha. Em regra, a vivência da atividade musical em grupo não só é mais aliciante e dá mais prazer, como pode e deve ainda ser alavanca no desenvolvimento musical através do que se aprende com os outros. Nesta senda “Group membership is shown (...) to provide a generally supportive context for the individual development explored here, and to contribute greatly to the enjoyment and satisfaction that is to be found in musical participation.” (Pitts, 2004, p. 52). De resto, existem autores que até explicam que a maior satisfação com a atividade musical em grupo tem explicações inclusivamente fisiológicas. Neste sentido, aquele mesmo autor vindo de citar, refere que “Musical communication is built upon physiological foundations and innate biological mechanisms (...). By tracking the music against the heart beat responses of the two players they saw how physiological response (“two hearts beating as one in authors words), and that musical dialogue emerges as a co-produced simultaneous effect – communication emerging as a mutual coordination of intention and action within concrete events in real time.” (Pitts, 2004, p. 200).

Acresce que perguntados os entrevistados sobre se já equacionaram mudar de profissão, todos responderam de forma inequívoca que não, o que não deixa de ser curioso. Mais uma vez, a Música surge como uma inevitabilidade vocacional. É um pouco também a ideia que perpassa na literatura sobre o tema: veja-se, a título de exemplo, quando a propósito de um estudo de caso, e em que se perguntava aos aí entrevistados o que estariam a fazer se não fizessem Música, um dos mesmos referiu que «“I don’t think I ever decided to do music, just decided not to do anything else”.» (Pitts, 2004, p. 51).

É certo que a vocação dá o mote à profissionalização (vimos já que a ideia moderna de vocação, num sentido ético, encontra-se estreitamente ligada à economia no sentido de uma vida individualmente bem sucedida. A vocação deve, então, ser entendida como elemento ativo e produtivo (cfr. Adenot, 2008). Mas talvez a Música seja algo mais que uma profissão, não se confinando aos aspetos práticos da mesma, mas a uma paixão interior a que dificilmente se pode resistir, funcionando talvez como um bom vício.

6.2.4. Visão do panorama musical e imagem pessoal e social do músico

Relativamente ao panorama musical em Portugal são identificados pelos entrevistados alguns problemas estruturais, tais como o peso das grandes rádios nacionais das editoras, movidas pelo lucro imediato, apostando por vezes em produtos musicais de pouca qualidade quer ao nível da produção quer ao nível artístico.

Outro problema apontado prende-se com a excessiva “maquinização” da Música, o que resulta na exclusão cada vez maior dos músicos dos estúdios de gravação e até dos espetáculos ao vivo em detrimento dos softwares cada vez mais sofisticados que desumanizam a Música.

Mas nem tudo é negativo... três dos nossos entrevistados sublinham que cada vez mais as pessoas se interessam pela Música portuguesa e sublinham a crescente qualidade da mesma.

A unanimidade regressa quando inquirimos sobre o papel do músico na sociedade. Todos, sem exceção, consideram ter um papel importante, contribuindo para o bem estar das pessoas, transportando para as mesmas sentimento e emoções como a alegria e a tristeza. A Arte é um dos bens mais preciosos da nossa sociedade sendo os músicos uns dos maiores responsáveis pela difusão da mesma, assumindo neste sentido de enorme relevância. O entretenimento e a cultura são cada vez mais um direito que se quer acessível a todos e não um privilégio só para alguns.

Outra ideia que nos apraz registar é o facto de, exceção feita a Sérgio Paulo, todos se considerarem bem vistos pela sociedade, acarinhados e admirados, apesar da precariedade da profissão e da conseqüente instabilidade financeira. Não deixa de ser surpreendente tal conclusão quando é facto notório que existe um certo estigma social em relação à profissão em causa.

Existe assim, neste ponto, alguma singularidade local. Com efeito, esta perceção da imagem social do músico na zona de Leiria, não parece coincidir com a imagem social geral e que vem, aliás, referida, na literatura nesta área. A este propósito, veja-se, elucidativamente, Pauline Adenot quando afirma que “no inconsciente coletivo, a atividade musical não constitui uma profissão no sentido integral: o músico permanece um ser social à parte, fora das normas e das convenções. Afinal ele não diz ‘tocar’ ao invés de ‘trabalhar’? Se ele é apaixonado, se tem uma vocação, então não conheceria as vicissitudes profissionais comuns; não pode se entediar, ter reivindicações nem sofrer em decorrência de sua condição. E para que a ‘magia’ da Arte continue a operar, ele deve afirmar que é assim.” (Adenot, 2008, p. 10).

Acresce ainda outra ideia interessante aquando da resposta à pergunta “o que diria um jovem músico que opte por uma carreira profissional?”. Todos os entrevistados referiram que, ao contrário do que a maioria das pessoas possam pensar, é uma profissão muito difícil, com muitos sacrifícios pessoais e familiares. Este facto contradiz a ideia generalizada que as pessoas têm sobre os músicos, visível de forma empírica, tanto assim que todos tiveram a necessidade de frisar a dificuldade da carreira musical. Outro conselho emanado dos entrevistados é a

necessidade de uma dedicação total e grande amor à profissão. Nas notas finais destaca-se o facto de Elsa Gomes ter referido que apesar de gostar de cantar nem sempre lhe apetece fazê-lo mas, tal como o palhaço, tem que encarnar o personagem e fazer o seu trabalho o melhor possível. Aliás, este ponto foi corroborado por todos os entrevistados, que assumiram ter atuado algumas vezes sem prazer mas obrigando-se a si próprios a ideia contrária. Ana Sofia Brito deixa-nos a seguinte nota final “a Música faz bem a qualquer ser humano. Sejam felizes e ouçam Música”.

VII) Conclusões

No que tange às questões mais introdutórias e teóricas do presente estudo, podemos, delinear, desde logo, algumas conclusões.

Vejamos.

O século XX trouxe consigo grandes progressos técnicos e científicos, redefinindo toda a sociedade nas mais diversas áreas de ação, entre elas, a Arte em geral e a Música em particular.

O Homem enquanto ser social e cultural que é, tem uma necessidade intrínseca de se expressar e intervir ao nível artístico.

Não podemos dissociar a Cultura do Homem. Esta ligação remonta aos primórdios da Humanidade. Na própria ideia geral de sociedade está subjacente uma cultura, um conjunto de regras e saberes que ditam uma espécie de consciência coletiva ditada não apenas pela hereditariedade cultural mas conjugada ainda com vivências individuais, sendo esta cultura um fenómeno dinâmico, em permanente transformação.

Neste sentido, a cultura pode ser considerada como uma das principais características do ser humano. Na sua dinâmica, o Homem assume-se inevitavelmente como um veículo de transmissão de ideias e valores que vão sendo reinterpretados e adaptados ao longo dos tempos e, em consequência, o consumo cultural terá sempre de ser entendido como uma necessidade básica e legítima de qualquer indivíduo para a construção do seu projeto de vida.

As identidades profissionais de cada um são marcadas pelos pilares cognitivos de cada indivíduo mas também por fatores culturais e socio-profissionais que condicionam as práticas e condutas adoptadas. A identidade musical, em concreto, é um dos elementos mais importantes da identidade cultural e profissional de cada pessoa.

A atividade musical pode assumir e potenciar a integração de um indivíduo num grupo, podendo igualmente constituir uma demonstração de capacidades individuais, uma interação e afirmação social, um prazer pessoal ou até uma fuga ao quotidiano.

A participação musical de uma pessoa num grupo confere ao mesmo um determinado nível de satisfação que lhe poderá conferir equilíbrio emocional, realização intelectual e pessoal, em co-relação com o reconhecimento de toda a sociedade.

Consideram-se fatores determinantes no desenvolvimento da atividade musical, a capacidade cognitiva, a eficácia exercida na prática musical e a estabilidade emocional.

O estreito contacto com entidades musicais ou músicos individuais funcionam como modelos de ação e são determinantes na influência que exercem sobre os jovens e no reconhecimento efetivo de uma identidade musical.

A Música é parte integrante da Arte contemporânea enquanto meio artístico de expressão do ser humano. Embora pertença da Humanidade, não é fácil definir o conceito de Música, assumindo um grau de complexidade tal, que não nos permite uma definição universal devido à tremenda falta de consenso por parte dos musicólogos e estudiosos que se dedicam a esta matéria.

Não obstante, sem grandes polémicas, podemos destacar uma definição mais pragmática e universal de Música: é um conjunto de sons e silêncios, ordenados num tempo, que respondem a uma lógica musical inerente ao criador/compositor.

No que se possa entender como músico profissional as águas são mais turbulentas. Com efeito, se para alguns ser músico profissional passa por ser um indivíduo cujos rendimentos advêm essencialmente da atividade musical, já para outros músico é sinónimo de pessoa competente e com qualificações para tal.

Convém referir que, em regra, a habilitação académica embora relevante, na prática, não é determinante para a atividade de um músico. A atividade musical abarca uma assinalável multiplicidade de especialidades e áreas de intervenção, o que possibilita aos músicos escolher caminhos e trabalhos distintos que, por sua vez, têm implicação direta a vários níveis na carreira musical de cada um e do reconhecimento social que lhes é conferido.

O desenvolvimento de um compromisso com a prática musical encontra-se estreitamente ligado à motivação individual de cada um, à sua condição socio-cultural e às oportunidades efetivas de que cada indivíduo usufrui no contexto em que vai vivendo. As dinâmicas de aprendizagem musical são, de igual forma, distintas e complexas, extraíndo-se de um contexto informal como autodidatismo, grupo social de amigos como modelos de ação bem como os mais formais que têm adstrito um certificado académico e reconhecimento público.

A formação de um músico pressupõe, em regra, um grande investimento pessoal desde tenra idade, e nele pode ser identificado o seu talento ou vocação musical.

A comunidade em geral tende a encarar a Música como uma disciplina secundária.

Resultante deste facto, esta forma de Arte fica bastante vulnerável a fatores dissuasores externos como o ter ou não apoio familiar, o eventual estigma social sobre a profissão de músico, o que acaba por provocar alguma desmotivação do público juvenil independentemente do seu talento e aptidão musical.

Apesar de ser vista pela política educativa de forma menos importante quando comparada com outras disciplinas, a Música começa a ganhar relevo na moderna sociedade civil, nomeadamente através de estudos científicos que comprovam os seus efeitos benéficos no desenvolvimento da criatividade e concentração, para além do prazer e bem estar que proporciona.

De uma maneira geral, o músico profissional é um trabalhador liberal, não gozando de contratos de longo prazo, que promoveriam uma maior estabilidade financeira. Ao invés, executa trabalhos “ad hoc” quando contratado para tal, por uma empresa ou por outros músicos, não tendo, em regra, qualquer vínculo contratual duradouro.

O momento fulcral na vida de qualquer músico dá-se quando escolhe a Música como a sua principal forma de obter rendimento.

Os imperativos económicos traduzem-se, normalmente, na necessidade de responder ao mercado musical, adequando o repertório e o género de trabalho que efetua de modo a obter a maior rentabilidade possível. Podemos considerar que, por vezes, o músico fica refém do gosto

musical do público para quem em concreto vai tuar, comprometendo e cedendo na sua liberdade artística plena.

Ser músico na sociedade atual engloba vários papéis e o domínio de várias áreas, inclusivé as novas tecnologias, sob pena de, ao não acompanhar as tendências musicais e as formas de divulgação e marketing das mesmas, ficar exposto ao insucesso na carreira.

Mas importa ainda modestamente delinear quais as conclusões sobre o estudo de caso feito e respostas que modestamente dele se lograram extrair quanto aos objetivos gerais e específicos que previamente se fixaram para o presente estudo.

Reitera-se aqui, agora por referência às conclusões, que não se conclui com verdades científicas irrefutáveis, mas antes com o que foi possível extrair do estudo de caso feito, com base nas cinco entrevistas semiestruturadas.

Sublinha-se desde logo a heterogeneidade dos cinco entrevistados, quer ao nível do género (duas mulheres e três homens) bem como o grau académico (desde o 9.º ano ao ensino superior), instrumentos base diferentes (voz, piano, baixo, bateria), sendo que partilham o facto de todos eles residirem na região de Leiria e serem profissionais da música.

Em todos eles, o gosto musical foi algo que surgiu precocemente.

Por outro lado, não se denotam características de hereditariedade na profissionalização na Música. Na maioria dos entrevistados foi o meio envolvente onde cresceram que os conduziu à profissão que abraçaram, tendo ainda sido relevante o contacto com o meio musical desde muito jovens.

Ou seja, as entrevistas deste estudo parecem apontar no sentido de que o meio envolvente e a dinâmica musical de determinado local bem como as inerentes amizades dentro do mesmo, justificam uma maior inclinação para uma determinada área, neste caso, a Música, e que tal muitas vezes, sucede desde tenras idades.

O estudo de caso sugere-nos ainda a enorme importância que as pequenas escolas de Música e filarmónicas têm especificamente na zona de Leiria, não raras vezes invocada como sendo um grande “ninho” de músicos de qualidade, com relevo na economia local e distrital.

Outra conclusão a extrair é a de que o percurso musical de todos os entrevistados surgiu e cresceu de forma tão natural ao ponto de dois dos mesmos não conseguirem sequer definir a altura exata em que se tornaram profissionais, ficando a ideia de não se tratar de uma opção consciente mas sim de uma inevitabilidade. Os restantes, embora enfatizem esse percurso natural, conseguem ter a noção do momento da profissionalização.

No seu dia-a-dia, todos os entrevistados acabaram ainda por referir, desempenhar atividades similares que se prendem com ensaiar reportório, dedicar tempo ao instrumento base de cada um.

Uma outra conclusão que foi possível delinear é o facto de nenhum dos entrevistados auferir um rendimento fixo mensal ou sequer anual. Assim, em regra, recebem a sua remuneração no fim de cada atuação, ficando deste modo reféns do número de atuações que têm por mês. De resto, como ressalta unanimemente das entrevistas, de acordo com o presente

estudo de caso, o pagamento é geralmente efetuado por atuação, e no final da mesma, pela entidade promotora, seja ela pública ou privada.

Deste modo, importa ainda afirmar que, na dialética entre gosto musical próprio e gosto do público com vista a maior rentabilidade financeira, não raras vezes, ganha esta última. A constante interrogação intimidatória sobre ter ou não atuações suficientes para o mês seguinte de modo a suprir as despesas de subsistência é uma preocupação para toda a classe.

Não obstante, em regra, e apesar dessa incerteza remuneratória, os entrevistados conseguem viver de forma que consideraram satisfatória.

Em suma, extrai-se deste estudo que a grande preocupação inerente a esta profissão não é tanto o valor do rendimento recebido mas sim a volatilidade do mesmo.

Por outro lado, surgem outros factores que contribuem para um maior sucesso e maior sustentabilidade financeira do músico profissional, desde logo, para haver rendimentos, o trabalho ter de ser conhecido e publicitado.

Neste aspeto, a unanimidade regressa completamente no que diz respeito à necessidade de divulgação dos serviços que os entrevistados prestam, designadamente, através das redes sociais

No seguimento do referido, uma outra conclusão emerge: a de que a liberdade artística é, pelo menos à luz deste estudo de caso, muitas vezes diminuta, na medida em que, as atividades musicais mais rentáveis, nalguns casos não correspondem ao gosto ou inclinação musical de cada um.

Relevante ainda o facto de todos os entrevistados atribuírem grande importância aos elementos com quem trabalham e valorizarem bastante essa situação, sendo em alguns casos tão importante como o fator remuneratório. No fundo, reforça-se aqui a ideia da importância da dimensão de socialização e a aprendizagem mútua que a mesma permite também neste domínio profissional.

De todo o modo, e não obstante os obstáculos supra citados e que são inerentes à profissão, nenhum dos entrevistados mudaria de atividade profissional, aparentando existir uma certa inevitabilidade vocacional a que não se consegue fugir.

Relativamente ao panorama musical em Portugal são identificados pelos entrevistados alguns problemas estruturais, tais como o peso das grandes rádios nacionais das editoras, movidas pelo lucro fácil e imediato, apostando por vezes em produtos musicais de pouca qualidade quer ao nível da produção quer ao nível artístico, bem como uma excessiva “maquinização” da Música. Sem prejuízo destes problemas estruturais que identificam do cenário musical, certo é que, os entrevistados apresentaram a convicção de que o papel do músico na sociedade é relevante e apreciado. O discurso dos mesmos sugere o reforço da ideia de que a Arte é um dos bens mais preciosos da nossa sociedade sendo os músicos uns dos maiores responsáveis pela difusão da mesma.

De resto, quase todos os entrevistados se consideram bem vistos pela sociedade, acarinhados e admirados, apesar da precariedade da profissão e da conseqüente instabilidade

financeira, o que não deixou de nos surpreender quando é facto notório que existe um certo estigma social em relação à profissão.

Ainda assim, e em remate, todos os entrevistados referiram que, ao contrário do que a maioria das pessoas possam pensar, é uma profissão muito difícil, com muitos sacrifícios pessoais e familiares, o que contradiz a ideia generalizada que as pessoas têm sobre os músicos, aconselhando, a quem queira abraçar esta profissão, que seja dotado de amor e dedicação total à mesma.

Estas são, pois, as conclusões possíveis face às entrevistas realizadas, sendo que as mesmas, enquanto instrumento de recolha de dados, foram adequadas aos objetivos que se almejavam neste estudo.

Não se deixa aqui de reconhecer que, no presente trabalho, a maior limitação ou dificuldade sentida, residiu no facto de o investigador em causa ser, ele próprio, um músico profissional o que, não obstante o esforço no sentido da imparcialidade, porventura, aqui e ali, pode não ter sido suficiente o distanciamento.

De todo o modo, e em jeito de balanço, em trabalhos futuros, que permitam maior dimensão e abrangência, seria bastante interessante alargar as entrevistas a todos os músicos profissionais de Leiria ou até fazer um estudo comparativo em zonas geográficas diferentes.

Não obstante tais limitações e dificuldades naturais, a elaboração da presente tese, além do modesto contributo que possa representar para a comunidade científica, permitiu-me consolidar conhecimentos adquiridos quer ao longo do curso quer na prática profissional, bem como densificar e aumentar os mesmos.

VIII) Bibliografia

Adenot, P. (2008). *A Questão da vocação na representação social dos músicos*. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/proa/ArtigosII/PDFS/paulineadenotPT.pdf>.

Antunes, M. (1999). *Teoria da Cultura*. Lisboa. Edições Colibri.

Aron, R. (1992). *As Etapas do Pensamento Sociológico* (2ª ed). Nova Enciclopédia. Lisboa. Publicações Dom Quixote.

Barbeiro, L. (2003). *Escrita Construir a Aprendizagem*. Departamento de Metodologias da Educação. Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho.

Barbosa, L. e Campbell, C. (2006); *Cultura, Consumo e Identidade*. (1ª ed.) Rio de Janeiro. FGV editora. Disponível em: <https://books.google.pt/books?isbn=8522505705> .

Bardin, L. (s.d.). *Análise de Conteúdo*. Lisboa. Edições 70.

Bell, J. (2008). *Como realizar um projeto de investigação*. (4ªed). Lisboa. Gradiva.

Boudon, R. (1995). *Tratado de Sociologia*. (1ª ed). Lisboa. Edições ASA.

Bourdieu, P. (2001). *A Miséria do Mundo*. (4ªed.) Petrópolis. Editora Vozes.

Branco, J. F.(1995). *História da Música Portuguesa*. (3ª ed) Publicações Europa-América.

Branco, S.C. (2010). *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. Círculo de Leitores.

Brito, M. C. (1989). *Estudos de História da Música em Portugal*. Imprensa Universitária. Lisboa. Editorial Estampa.

Bronowski, J. (1983). *Introdução à Atitude Científica*. (2ªed) Lisboa. Livros Horizonte.

Bueno, B.O. (s.d) *O Método Autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade*. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11653.pdf .

Campos, M.L. (2007) "A Música e os Músicos como Problema Sociológico". *Revista Crítica de Ciências Sociais*. 78. Coimbra.

Castells, M. (2002). *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Vol. I A Sociedade em Rede*. Lisboa. Edições da Fundação Calouste Gulbenkian.

Castells, M. (2003). *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Vol. II O Poder da Identidade*. Lisboa. Edições da Fundação Calouste Gulbenkian.

Costa, A.F. (2001). *O que é Sociologia*. (3ªed.) Coimbra. Quimera editores.

Costa, M.E. (1991). *Contextos Sociais de Vida e Desenvolvimento da Identidade*. (1ªed.) Porto. Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Psicologia da Universidade do Porto.

Coutinho, C.P. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas. Teoria e Prática*. (2ªed). Coimbra. Almedina. Disponível em: <http://www.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=uFmaAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=metodologia+de+investiga%C3%A7%C3%>

[A3o&ots=GfcJ_wb_Q5&sig=pepmeZyi1BttYE2crAOdr84v_Q&redir_esc=y#v=onepage&q=metodologia%20de%20investiga%C3%A7%C3%A3o&f=false](#) .

Cruz, M. B. (1995). *Teorias Sociológicas. Os Fundadores e os Clássicos.* (Antologia de textos). I Volume (2ªed.) Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

D`Almeida, A.V. (1993). *O que é Música.* Lisboa. Difusão Cultural.

Durkheim, E. (2001). *As Regras do Método Sociológico.* (4ª ed.) Lisboa. Editorial Presença.

Durkheim, E. (s.d.). *Educação e Sociologia.* Lisboa. Edições 70.

Durkheim, E.(s.d.). *Sociologia, Educação e Moral.* Porto. Rés editora.

Durkheim, Emile (s.d.). *Sociologia, Pragmatismo e Filosofia.* Porto. Rés editora.

Eagleton, T. (2003). *A ideia de cultura. Temas e Debates – Atividades Editoriais, Lda.*

Eco, U. (1991). *Como se faz uma Tese em Ciências Humanas.* (5ªed) Lisboa. Editorial Presença.

Foddy, W. (1996). *Como Perguntar. Teoria e Prática da Construção de Perguntas em Entrevistas e Questionários.* Oeiras. Celta.

Frost, E.L.; Hoebel e Adamson, E. (s.d.). *Antropologia Cultural e Social.* São Paulo. Editora Cultrix.

Giddens, A. (1994). *Capitalismo e Moderna Teoria Social.* (4ªed.). Lisboa. Editorial Presença.

Grácio, S. e Stoer, S. (1982). *Sociologia da Educação II. A Construção Social das Práticas Educativas.* Lisboa. Livros Horizonte.

Griffiths, P. (1987). *A Música Moderna.* Jorge Zahar Editor.

Hargreaves, D.J, MacDonald, R. e Miell, D. (2005). *Musical Communication.* New York. Oxford University Press.

Maffesoli, M. (s.d.). *O Conhecimento do Quotidiano.* Lisboa. Vega Universidade.

McPherson, G. (2006). *The Child as Musician. A Handbook of Musical Development.* New York. Oxford University Press.

Melo, M. B.P. (1988). *No Temp(l)o da Arte: Um Estudo Sobre Práticas Culturais.* Sociologia, Problemas e Práticas, Nº 28. Oeiras. Celta Editora.

Monteiro, F. (1997). *Interpretação e Educação Musical.* Porto. Fermata Editora.

Kennedy, M. (1994). *Dicionário Oxford de Música.* (1ªed.) Lisboa. Publicações Dom Quixote.

Neto, F.F.M. (2003). *Estudos de Psicologia Intercultural. Nós e os Outros.* (2ªed.) Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

North, A. e Hargreaves, D. (2008). *The Social and Applied Psychology of Music.* New York. Oxford University Press.

O Mundo da Música. Grandes Autores e Grandes Obras. (s.d.) Barcelona. Oceano.

Pitts, S. (2005). *Valuing Musical Participation.* Ashgate.

Quivy, R., Campenhoudt, L.V. (1992). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa. Gradiva.

Real, M. (2008). *Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa*. (1ª ed) Lisboa. Quidnovi.

Ritzer, G. (1996). *Teoría Sociológica Contemporanea*. Madrid. McGraw-Hill.

Rocher, G. (1989). *Sociologia Geral. A Ação Social*. (5ª ed) Lisboa. Editorial Presença.

Ruhrberg, K., Schneckenburger, M; Fricke, C e Honnef, K (1999). *Arte do Século XX. Vol. II*. Taschen.

Saint-Maurice, A. (1997). *Identidades Reconstruídas. Cabo-verdianos em Portugal*. Oeiras. Celta Editora.

Santos, M.L.L. (1998). *As políticas culturais em Portugal*. Edição do Observatório das actividades culturais.

Schwanitz, D. (2004). *Cultura. Tudo o que é preciso saber*. (1ªed.). Lisboa. Publicações Dom Quixote.

Silva, A.S. (1994). *Tempos Cruzados. Um Estudo Interpretativo da Cultura Popular*. Biblioteca das Ciências do Homem. Edições Afrontamento.

Smilde, R. (2008). A Profissão Musical e o Músico Profissional; uma reflexão. V. 19 nº 32/33-110-117. *Em Pauta*. Porto Alegre. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/EmPauta/article/viewFile/10758/6371>.

Touraine, A. e Khosrokhavar (2001). *A Procura de Si. Diálogo sobre o sujeito*. Lisboa. Instituto Piaget.

Touraine, A. (2005). *Um Novo Paradigma. Para Compreender O Mundo de Hoje*. Lisboa. Instituto Piaget.

Turner e Bryan, S. (1989) . *Status. Ciências Sociais. Nº 10*. Lisboa. Editorial Estampa.

Vignal, M. (1999). *Dictionaire de la Musique*. Larousse.

Weber, M.. (s.d.). *Fundamentos da Sociologia*. (2ªed.). Porto. Rés Editora.

Worsley, P. (1983). *Introdução à Sociologia*. (5ªed.) Universidade Moderna. Lisboa. Publicações Dom Quixote.

Vieira, R. (2009). *Identidades Pessoais. Interações, Campos de Possibilidade e Metamorfoses Culturais*. Leiria. Edições Colibri.

Vieira, R. (2000). *Ser Igual, Ser Diferente. Encruzilhadas da Identidade*. Edição Profedições.

Enciclopédias / Revistas:

Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura (s.d.). Volume 6. Lisboa. Editorial Verbo.

Webgrafia

http://media.wix.com/ugd/0c04ad_1c18ca996744dfe62374b9faffaa7569.pdf

http://www.esas.pt/dfa/sociologia/conceito_cultura.html

<http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11653.pdf>

http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/sumaya_mattar_moraes.pdf

http://unisc.br/portal/upload/com_arquivo/historias_de_vida_um_metodo_qualitativo_da_investigacao.pdf

<http://www.seer.ufrgs.br/EmPauta/article/viewFile/10758/6371>

http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0003-25732008000400004&script=sci_arttext

IX) Anexos (transcrição integral das cinco entrevistas realizadas pela ordem de registo audio)

Entrevista a Ana Sofia

Paulo Sanches – Ora então muito boa tarde. Nós estamos no dia 11 de novembro de 2015, pelas dezassete horas e vou realizar uma entrevista no âmbito do meu mestrado em Gestão Cultural – que é “O Músico Profissional: liberdade artística vs sustentabilidade financeira”. Pergunto à Ana Sofia, que é cantora profissional, se aceita colaborar?

Ana Sofia – Olá boa tarde. Sim.

PS – Posso divulgar os dados da entrevista e o seu nome?

AS – Sim.

PS – Posso gravar a entrevista?

AS – Pois com certeza.

PS – Ok, muito obrigado. Antes de mais, vamos começar pela caracterização do entrevistado. Quantos anos tem?

AS – Tenho trinta e seis.

PS – E a sua formação académica?

AS – Tenho o nono ano de escolaridade.

PS – E o seu instrumento base?

AS – É a voz.

PS – Há quantos anos é cantora profissional?

AS – Cantora profissional, há cerca de cinco anos e meio.

PS – Neste momento vive só da Música?

AS – Só da Música.

PS – Como e quando surgiu a sua paixão ou interesse pela atividade musical? Tem ideia de quando isso aconteceu?

AS – Eu comecei a cantar com nove anos de idade. Como se costuma dizer, desde que me conheço por gente que descobri esta vocação ou esta paixão.

PS – Mas vinha de família? Consegue identificar algumas influências na escolha?

AS – Não. O lado paterno, o meu pai chegou a cantar em coros. Uma tia, também do lado paterno, que vive há muitos anos na Venezuela, também é cantora. De resto, não tenho conhecimento de família direta que esteja ligada à Música.

PS – Como foi o seu percurso de aprendizagem musical? Como foi o primeiro contato com a aprendizagem musical, com a música, e que aspetos foram mais importante para si?

AS – A Música surgiu de uma forma natural na minha vida. Não tenho formação musical, não tenho técnica vocal. Surgiu de uma forma muito natural, o gostar muito, uma paixão muito grande, um amor muito grande pelo canto e pela música em si. Com muita persistência fui sempre acalentando este sonho, até aos dias de hoje e de me tornar profissional.

PS – Teve consciência do momento em que se tornou profissional?

AS – Tive consciência.

PS – Quando ocorreu isso?

AS – Há cerca de cinco e meio. Além de cantora, tenho treze anos de locutora de rádio. Trabalhei em rádio. Locução, programação, produção, spots publicitários. Em 2010 fiquei desempregada da rádio, uma rádio local. Desde então que vivo, ou sobrevivo, da Música. É o que faço.

PS – Mais diretamente ligado à sua actividade profissional, o que faz concretamente no seu dia-a-dia, ligado à sua actividade?

AS – Não faço tantas vezes como deveria fazer! Mas faço exercícios vocais. São necessários, diários. Assobiar, durante o dia. É importante para o exercício das cordas vocais. Não o faço diariamente, faço semanalmente. Devia fazer. As cordas vocais são extremamente sensíveis e para lhes dar uso, há que lhes dar também algum traquejo, dar-lhes o seu treino.

PS – Dos trabalhos que desenvolve, diria que tem uma área muito específica ou que abrange vários estilos?

AS – Sempre fui uma cantora que gosta de cantar um pouco de tudo. Costumo na brincadeira que só não canto lírico porque sou contralto, que é a definição da minha voz e normalmente quem canta lírico é soprano. Gosto de cantar um pouco de tudo e sempre gostei. Nestes anos todos que ando na Música sempre foi uma mais-valia que me dá muito gozo. Não

tenho um estilo específico enquanto cantora porque gosto efetivamente de cantar e experimentar novos estilos musicais.

PS – A sua remuneração é mensal, semanal, ao dia?

AS – A minha remuneração é quando há espetáculo. É ao dia. Recebo no final da atuação. Fazendo eu parte de uma banda de camião-palco, onde somos doze músicos, a pessoa que é proprietária desse projeto é que paga no final da noite. É o projeto onde estou neste momento a cem por cento e há cinco anos para cá.

PS – Pode-nos dizer qual é seu rendimento médio mensal? Considera que é um rendimento adequado ao exercício da sua actividade profissional?

AS – Bem, isso do adequado, vai ser um bocadinho complicado de explicar isto. As bandas de camião-palco, do projeto que disse que faço parte, trabalha nomeadamente no verão. No que diz respeito a uma média de rendimento, digamos que andará à volta dos mil euros. Isto no verão. Recordo que somos doze músicos em palco e não é de todo fácil conseguir suportar cachés altos para tantos músicos.

PS – E depois no inverno?

AS – Lá está, era aí que eu ia chegar, se é justo ou não o caché que se ganha. Porque uma coisa é nós trabalharmos com vários colegas e sabermos que vamos ter prazer, porque temos mais instrumentos, porque é uma banda, e que vamos ganhar um bocadinho menos. Outra coisa é ser um duo ou um trio e aí os valores são diferentes. No inverno, porque também me considero uma cantora freelancer, quem precisar de cantora para fazer uma noite aqui ou acolá, pode contactar-me.

PS – Não canta só com a banda?

AS – Não, mas dou prioridade à banda, pois estou a cem por cento com esta banda. Regra geral, no verão, não tenho mesmo qualquer compromisso, seja com quem for, a não ser com a banda. No inverno, trabalho em duo ou em trio, quando assim é possível. Porque onde se trabalha na altura do inverno é em bares. Pequenos ou maiores, mas não têm condições financeiras para pagar aquilo que nós achamos que seria justo. Porque quando se está a pagar a um artista, o que fazemos em cima do palco é arte, não se está a pagar o momento em que nós estamos lá. Temos de ensaiar, estudar, enfim. As pessoas nem se lembram disso. Relativamente a esses preços praticados nos tais bares, nem sempre são os mais justos, mas lá está, é assim.

PS – Desenvolve alguma estratégia específica para promover a sua atividade?

AS – Hoje em dia, a maior parte das pessoas, aderiu às redes sociais. E as redes sociais são extremamente importantes, a verdade é esta. Nesse âmbito, tenho uma página no Facebook, “Ana Sofia Cantora”.

PS – Quando decidiu ser profissional, teve em conta a sustentabilidade financeira?

AS – Claro que sim, porque é muito importante. Devo dizer desde já que não é de todo fácil viver só da Música. É preciso trabalhar muito. É preciso ter uma média de concertos por mês que dê precisamente para essa sustentabilidade financeira. Eu também tenho um companheiro, com que vivo. Confesso que alguns meses seriam difíceis se não tivesse um companheiro que pudesse ajudar. Tudo depende muito do nível de trabalho.

PS – O que nos quer dizer é que não é certo. Mais atuações, mais dinheiro? Menos atuações, menos dinheiro?

AS – Exatamente.

PS – Quais os critérios que norteiam a seleção da actividade musical em que trabalha?

AS – Eu sou cantora por gosto. Mas é o meu trabalho e por isso tem de ser remunerado. Acontece-me muito, as questões da solidariedade, quando chega a altura do natal. Ir a um ou dois não é problema, uma pessoa faz. O problema é quando são muitas entidades para o mesmo efeito. Esquecem-se que ser músico é uma profissão e que deve ser remunerado.

PS – Perguntava, em específico, o que pesou mais na decisão de tocar na sua banda? Foi o fato de receber ou o gosto?

AS – É o gosto!

PS – Em algum momento equacionou mudar de profissão?

AS – Nunca. Ter outra profissão sim, mas esta é a profissão ideal que sempre ambicionei.

PS – Do que mais gosta na sua actividade?

AS – Do público.

PS – E de cantar, não é?

AS – E de cantar, claro!

PS – Numa visão mais geral sobre o papel do músico na sociedade, que comentário lhe merece o panorama musical em Portugal?

AS – Está de saúde e recomenda-se. Sinceramente, acho que sim. Como tudo, em todas as áreas, tem coisas boas e menos boas. Coisas bem-feitas e coisas mal feitas. Porque chega-se a esse ponto de ouvir coisas mal feitas. Pessoas a cantar mal, a desafinar, orquestrações sem pés nem cabeça ou espetacularmente absurdas. Mas há valores, bandas e artistas a aparecerem que são de grande valor.

PS – Qual acha que é o seu papel na sociedade, como cantora?

AS – Não é fácil responder a esta pergunta. Como referi há pouco, o mais importante para mim na minha profissão, é de fato o público. É por aí que consigo responder a essa questão sobre como é que me vejo perante a sociedade. Acho impressionante como é que pessoas que nos vão ver cantar, uma vez, duas e começam sempre a ir. Temos essa situação dos chamados fans da banda, que não nos conhecem, só nos ouvem a cantar e apreciam o nosso trabalho. Têm um carinho e admiração por nós, é impressionante. Não consigo explicar muito bem. Voltamos às redes sociais. Tenho muito amigos no Facebook e expresso muitas vezes os meus estados de espírito e algumas mensagens de positivismo. Acontece que pessoas que me seguem como cantora também seguem essas coisas que eu vou colocando, admiram-me muito e vêm-me como um exemplo. E isto é assustador. Na minha mente sou cantora. Sou igual a A, a B, C. Mas não me esqueço quando estou num palco.

PS – As pessoas admiram-na?

AS – Sim. E chama-me diva, que é um exagero. Colocam-me lá em cima e dizem que eu sou espetacular e nota-se que é com muito carinho, que é verdadeiro.

PS – No fundo, o contributo para o bem-estar e a alegria do público?

AS – Sim. É isso mesmo.

PS – Agora o exercício contrário, como acha que a sociedade a vê como profissional?

AS – Eu acho que tenho bons olhos para aquilo que ando a fazer. Para mim é extremamente importante cantar com alma. Acho que quando se consegue cantar com a alma, consegue-se chegar facilmente ao público. As pessoas conseguem perceber que sou muito verdadeira e que o que estou a fazer é precisamente para elas.

PS – Acha então que as pessoas valorizam o seu trabalho? Sente-se valorizada na sua profissão?

AS – Completamente.

PS – O que diria a um jovem músico que opte por uma carreira profissional?

AS – Diria que se é o que gosta, se é o que ama, que tenha muita persistência, muita força de vontade, que lute por esse sonho e que tenha ouvido, acima de tudo. Eu digo isto porque existem alguns jovens, que não são talentos, que continuam a massacrar, que querem cantar, que querem tocar, quando na realidade aquilo não lhe está no sangue. Mas para aqueles que efetivamente têm isso tudo, a alma, o sonho, é lutar. Porque não é uma vida fácil, a de músico. As pessoas por vezes pensam que é, mas não é. É muita luta. São muitas noites que se perdem, são muitas viagens. Isto cansa muito, mas é gratificante por causa do que o público nos dá. É lutar e avançar com o sonho.

PS – Apetece-lhe sempre ir cantar?

AS – Há dias em que estou menos bem. Todos temos os nossos dias. A partir do momento em que começa o espetáculo, transformo-me. É aquilo que eu quero fazer. Quero fazer bem. Quero fazer muito.

PS – Se tivesse que salientar duas ou três, quais as características pessoais e profissionais que salienta em si?

AS – Sou uma pessoa comunicativa. Simpática. Acho que não canto mal e daí chegar às pessoas. Sou persistente e perfeccionista no trabalho que executo.

PS – Trabalha com amor à profissão?

AS – Muito.

PS – Nota-se nas suas respostas que sim. A mim resta-me agradecer a sua disponibilidade para contribuir para o meu trabalho e perguntar se quer acrescentar alguma coisa à conversa que tivemos.

AS – Só dizer que a música faz bem a qualquer ser humano. Quer se execute ou não. É uma das melhores coisas que pode haver na vida. Sejam felizes e ouçam muita música.

PS – Muito obrigado Ana Sofia, foi um prazer falar consigo.

AS – Obrigado.

Entrevista a Elsa Gomes

Paulo Sanches – Estamos no dia 11 de novembro de 2015, em Leiria e vou entrevistar a Elsa Gomes no âmbito do meu mestrado em Gestão Cultural – que é “O Músico Profissional: liberdade artística vs sustentabilidade financeira”. Nada melhor que uma música profissional para nos falar um pouco sobre isso. Pergunto se aceita colaborar?

Elsa Gomes – Claro que sim.

PS – Posso divulgar os dados da entrevista e o seu nome?

EG – Sim.

PS – Posso gravar a entrevista?

EG – Pode gravar.

PS – Então vamos começar com o seu percurso formativo e experiência. Qual é a sua idade?

EG – Quarenta e um.

PS – E formação académica?

EG – Sou licenciada em Comunicação Social.

PS – E o seu instrumento base?

EG – É voz. Sou cantora.

PS – Há quantos anos é que canta?

EG – Profissionalmente, desde meados de 1995. (onze anos)

PS – Como e quando surgiu a sua paixão ou interesse pela atividade musical? Consegue identificar algumas influências na sua escolha?

EG – Sempre gostei muito de cantar. Cantar é uma vocação como outras que podem surgir na infância. Lembro-me que a minha mãe tinha umas cassetes da Amália e eu comecei a ouvir muito fado lá em casa. Comecei a ler as letras, quando comecei a aprender a ler. Por brincadeira, nas festas de família, punham-me de pé numa cadeira e eu comecei a cantar os fados da Amália. Este é o momento mais longínquo que me lembro. Por volta dos catorze anos fui para a iniciação musical. Comecei aí, fui para o piano. Só que não gostava do professor de piano e pedi à minha mãe para ir para o canto coral onde estive quatro anos, no orfeão de leiria.

PS – Isso quase respondeu à pergunta de como foi o seu percurso de aprendizagem musical...

EG – Exatamente. O meu percurso inicia-se aí aos catorzes, na altura em que eu vivia na Boavista, estava a estudar aqui em Leiria. No final das aulas eu acho que tinha ensaio três vezes por semana. Na altura para o coro juvenil do Orfeão de Leiria. Na altura o Orfeão de Leiria tinha três coros, o masculino, feminino e o juvenil. Foi aí que estive quatro anos. Onde aprendi a

colocar a voz, a cantar em frente a um público maior. Cantávamos músicas em latim, músicas do cancionero português. Aí começou a minha formação.

PS – Teve consciência do momento em que se tornou profissional?

EG – Sim. Leiria é uma zona que tem muitos músicos. Numa altura em que havia muita música ao vivo na Alibi às quartas-feiras. Eu ia lá todas as quartas-feiras à noite e o Vítor Sérgio, um músico aqui da nossa zona, convidou-me para ser bailarina e cantora num projeto que ele tinha. E eu aceitei. Aceitei um bocadinho por brincadeira, mas foi o meu primeiro trabalho verdadeiramente remunerado. Foi um trabalho que não durou muito tempo, cerca de um ano. Depois disso conheci um outro músico, o Daniel Duarte, que tinha uma cantora que tinha ido para outra banda. Ele convidou-me para começar a cantar com ele nos casamentos. Eu aceitei e foi a pessoa com quem eu estive onze anos. Este é o ponto de partida em que me tornei profissional.

PS – Pode-me dizer o que faz no seu dia-a-dia, no âmbito dessa atividade profissional?

EG – Até há três anos eu tinha outra atividade. O que acontece normalmente, penso eu, até pelo conhecimento que tenho de outros músicos, à exceção de músicos de topo que têm uma carreira exclusivamente ligada à música. Estive durante dezassete anos ligada à indústria farmacêutica. Cingia-me à minha atividade profissional na música ao fim-de-semana. A partir do momento em que saí do meu outro emprego, comecei a dedicar-me só à música. Isso fez com que tivesse de reestruturar o meu dia em termos de trabalho. Aquilo que eu faço neste momento é tentar ouvir músicas novas, tento educar o meu ouvido para ouvir múltiplos sons e escolher músicas para o meu repertório que se adequem aquilo que as pessoas pretendem e aquilo que eu faço no âmbito musical.

PS - Se tivesse de definir alguma área específica musical, qual seria?

EG – Diria que canto música ligeira. Entre a ligeira e o pop-rock. Voltei ainda à vertente que me trouxe para a música, o fado. Que foi o mote.

PS – A sua remuneração é mensal, semanal, ao dia? Pode-nos dizer como é que funciona?

EG – Bem, é sempre uma parte periclitante de falar. A minha remuneração é ao dia. Por atuação. Estabeleço um valor, também com os músicos que com trabalho, para o tipo de atuação que vou fazer. Se é uma noite de fados, tenho uma remuneração. Se for num bar, e se formos só dois músicos, temos uma remuneração. Se for num casamento já será outra remuneração. É uma coisa que já envolve muitas horas de trabalho. E se for uma festa de empresa também já é outro tipo de remuneração. Não existe só um valor de remuneração, depende do tipo de serviço que se apresenta em termos de música.

PS – Quem lhe paga, é quem lhe contrata os serviços?

EG – Exatamente. Se for num casamento, os noivos ou os pais dos noivos. Se for uma empresa, é a empresa que me paga. Se for um bar, o dono do bar. Se for fados, o dono da casa. Às vezes pode é acontecer que algum músico me contrate e seja o músico a pagar-me. Paga-me depois de receber da casa.

PS – Pode-nos dizer qual é seu rendimento médio mensal? Considera que é um rendimento adequado ao exercício da sua actividade profissional?

EG – O meu rendimento tanto pode ser mil euros, como dois mil, como ultrapassar esse valor. Como também às vezes pode ser menos. Depende da quantidade de atuações que eu tiver. Não é linear. Essa é a grande questão que assola os músicos. Nós não temos um rendimento fixo. Normalmente as pessoas trabalham a recibo verde e estão coletadas. Os músicos não têm, a meu ver, a proteção legal que deveriam ter em termos de atividade, como outras profissões. Se calhar isso é um bocadinho o contra que faz com que as pessoas não se dediquem totalmente à música porque o rendimento não é certo. Hoje em dia estamos numa realidade diferente. Muitas outras profissões, dentro as profissões liberais, também assim são. Portanto as pessoas têm de aproveitar.

PS – Desenvolve alguma estratégia específica para promover a sua atividade?

EG – Aquilo que faço hoje é fruto de um trabalho que fiz continuamente, penso que de forma inconsciente. Criei uma rede de contatos, seja nas empresas, seja nos casamentos que fui fazendo, as pessoas foram gostando do meu trabalho, ficam com o meu contato e acabou por ser uma bola de neve. A entrada das novas tecnologias, com a internet, com o facebook, com as várias plataformas, veio de certa forma ajuda a divulgar. É um meio que utilizo não só para promover os sítios onde estou a cantar, mas também para divulgar o meu trabalho para um público mais alargado. Hoje em dia é muito mais fácil de o fazer. Até aí, era o boca-a-boca, que acaba por ser o marketing mais eficaz. O mais eficaz até aos dias de hoje, mais até que as redes sociais.

PS – Quando decidiu ser profissional, teve em conta a sustentabilidade financeira?

EG – Sim, tive. Pensei duas vezes quando, há três anos, me dediquei exclusivamente à música. É claro que é um risco, mas um risco minimamente calculado. Penso neste ponto desenvolver outros projetos que possam cimentar e credibilizar aquilo que eu faço mais ou menos localmente, num âmbito mais nacional, ou internacional.

PS – Quais os critérios que norteiam a seleção da actividade musical em que trabalha?

EG – Começando pelo Fado. Escolho os fados que me sinto confortável a cantar, que as letras e as músicas me digam alguma coisa, com que eu me identifique em termos de história.

Porque as letras contam-me uma história. Eu necessito de as sentir para as poder transmitir. No fado funciona um bocadinho assim.

PS – Então pode-se dizer que no fado tem essa liberdade artística?

EG – Sim, no fado tenho. Já no âmbito doutros projetos, seja nos bares, seja no projeto em banda, ou para fazer uma festa para uma empresa, tenho que ter algum critério nas músicas, sendo que tenho de escolher músicas que estejam atuais, músicas que sejam intemporais, mas que toda a gente conheça, portanto tem que ir ao encontro de um público que é eclético. Ou seja, eu nunca sei que público vou encontrar. O que digo aqui é o que digo sempre às pessoas que me contratam: eu não tenho um alinhamento perfeito. Exceto quando são espetáculos em que tenha pré-definido que é hora e meia, que é com banda, ao ar livre, ou uma festa, em que vou escolher criteriosamente vinte músicas. Não sendo dentro deste âmbito, nos outros, tenho de ter um repertório mais ou menos vasto para poder ir ao encontro do público que me aparece. Aí talvez não tenha tanta liberdade, por um lado. Por outro tenho lado tenho a liberdade de fazer essa escolha. Tento adequar, como não tenho um estilo próprio. Os músicos que cantam originais, cantam só as músicas deles. São públicos que quando vão ver aquele concerto, já sabem o que vão encontrar.

PS – Em algum momento equacionou mudar de profissão?

EG – Sim. Eu gosto muito da minha atividade, a única questão é a insegurança financeira que, em alguns momentos da minha vida, me fez pensar se iria continuar ou não. Desde que deixei a minha outra atividade profissional, a principal digamos, aí tive algumas dúvidas.

PS – Que comentário lhe merece o panorama musical em Portugal?

EG – Ao longo desde vinte, trinta anos, aquilo que tenho observado é que cada vez mais as pessoas se interessam pela música em Portugal. Pela música Portuguesa. Houve uma fase na nossa história em que ouvíamos muita música estrangeira e não eramos tão recetivos a ouvir música portuguesa. Penso que ainda assim há um longo caminho a percorrer. Somos muito influenciados pelas rádios e pelas playlists, que são manipuladas para passar só determinado estilo musical. Mas parece-me a mim que há uma nova geração de pessoas, que estão a fazer músicas novas e que têm interesse em cantar também em Português. Pese embora, acho que é um trabalho que tem muito para percorrer.

PS – Que ideia tem sobre o papel que desempenha na sociedade?

EG – Indo ao encontro daquilo que as pessoas me dizem e da maneira como me vêm, vou falar um bocadinho pelas respostas que me vão dando, como uma pessoa que diverte, que canta, que transmite emoções e que sobretudo dispõe bem. Penso que as pessoas, quando vão ouvir música, querem também sentir uma certa interação. Para mim a música não faz sentido se

não houver interação entre os músicos e quem está a ouvir. Seja de que forma for. Muitas vezes as pessoas não se querem manifestar, mas isso não quer dizer que não estejam a gostar. Mas as pessoas têm de se sentir de alguma forma tocadas. Penso que consigo fazer isso, esse é o meu papel, as pessoas sentirem-se tocadas.

PS – E como acha que a sociedade a vê, enquanto profissional?

EG – Enquanto profissional sou uma cantora conhecida na região e penso que tenho o respeito e a credibilidade de uma pessoa que não falha os seus compromissos. Sinto que as pessoas me acolhem bem. É sempre difícil falar do que os outros acham de nós próprios.

PS – O que diria a um jovem músico que opte por uma carreira profissional?

EG – Diria que aprenda um instrumento, acho que é muito importante. Eu especializei-me no instrumento da voz porque a iniciação musical é muito chata. Penso que os professores têm de repensar a forma como ensinam música aos alunos. Assim como a Matemática ou Filosofia. Repensar os métodos para que as crianças sintam vontade de aprender. Penso que isso é fundamental. Os músicos que conheço que tocam um instrumento e que se especializam na música, foram pessoas que de alguma forma se tornaram autodidatas e que deixaram até o ensino. Não é fácil aprender música, talvez que os métodos não sejam os mais aliciantes. Penso que isso é um desafio.

PS – Quais as características pessoais e profissionais que salienta em si?

EG – Sou divertida. Não tenho medo de estar no palco. Consigo facilmente ler aquilo que o público ouvir. Consigo chegar às pessoas, consigo comunicar. Não sou tímida no palco. Penso que isso faz com que as pessoas se sintam próximas e se soltem mais. Seja a dançar, seja a cantar, seja a ouvir, seja a exprimirem aquilo que estão a sentir. Penso que essa é a minha diferença relativamente a outras pessoas que estão no palco. Como cantora. Uma pessoa quando está a tocar um piano ou uma viola está mais presa. Tenho mais mobilidade. Sou naturalmente comunicativa e extrovertida. Licenciiei-me em Comunicação Social porque é uma área que me fascina e tenho essa facilidade de comunicação.

PS – Agradeço a sua disponibilidade e perguntava se quer acrescentar alguma coisa que eu não tenha perguntado e que ache relevante na temática “Músico profissional: liberdade artística vs sustentabilidade financeira”

EG – Só uma nota em relação à profissionalização dos músicos. Na maior parte das vezes um músico não é visto como um profissional. O que quero dizer com isto? As pessoas acham que porque nós fazemos aquilo que gostamos, que não nos custa. Que não temos trabalho com isso ou que não sofremos com isso, que tenhamos as nossas angústias. Só porque eu canto, não quer dizer que eu tenha vontade, sempre, de cantar. É a mesma coisa que um

médico, não quer ser vinte e quatro horas médico. Ele tem outras coisas que gosta de fazer. As pessoas acham que um músico está sempre muito bem disposto e disponível para tocar ou para cantar.

PS – Já lhe aconteceu não ter vontade de cantar?

EG – Já. Mas tal como o palhaço, tenho de vestir o meu papel, encarnar um personagem e tentar não transmitir os meus problemas para as pessoas. E penso que o público nem sempre é sensível a isso. Em relação à remuneração, outro pormenor que acho que é muito desvalorizado é haver músicos que se prostituem (entre aspas) e não se dão o devido valor. É um trabalho que tem valor. As pessoas tiveram formação musical, investem nos seus instrumentos, têm despesas para pagar como toda a gente e têm uma profissão sem direito a um salário fixo ao fim do mês e outras benesses que outras profissões têm. Acho que merece mais respeito por parte da comunidade.

PS – Obrigado mais uma vez pela entrevista.

EG – Obrigado.

Entrevista a João Maneta

Paulo Sanches – Estamos em Leiria, no dia 23 de novembro de 2015. Vou realizar uma entrevista ao João Maneta no âmbito do meu mestrado em gestão cultural e primeiro pergunto-lhe se aceita colaborar?

João Maneta – Aceito sim senhor.

PS – Posso divulgar os dados da entrevista e o seu nome?

JM – Pode.

PS – Posso gravar a entrevista?

JM – Sim.

PS – A sua idade?

JM – Trinta e quatro anos.

PS – Formação académica?

JM – 12ºano.

PS – Instrumento base?

JM – Bateria, percussão.

PS – Há quanto anos trabalha na música?

JM – Dezasseis anos.

PS – Como e quando surgiu a sua paixão ou interesse pela atividade musical? Consegue identificar algumas influências na escolha?

JM – Consigo. Eu vivo numa terra que tem uma filarmónica. Os meus amigos começaram a tocar na filarmónica e eu fui influenciado por eles. Comecei na Filarmónica das Cortes. Foi lá que comecei a aprender. Depois fui estudar para o conservatório, percussão clássica e mais tarde fui para Lisboa, estudar Jazz para o Hot Clube.

PS – Quais os aspetos que considera mais importantes para a sua actividade enquanto músico?

JM – Eu fui sendo músico sem querer. Fui trabalhando. Não tenho músicos na família, fui mais influenciado por amigos do que pela família.

PS – O que faz no seu dia-a-dia, no âmbito da sua atividade?

JM – Para além de estudar o meu instrumento, componho músicas para algumas bandas de que faço parte, ensaios e com isso preencho o meu dia.

PS – Também toca outros instrumentos?

JM – Sim, toco um bocadinho de guitarra e de piano.

PS – Se tivesse de definir uma área específica da música, qual seria?

JM – A área onde me integro melhor, onde eu gosto mais de estar, e onde estudei mais, é o Jazz. Apesar de não ser só isso que faço, é a área que gosto mais.

PS – A sua remuneração é mensal, semanal, ao dia? Como recebe e quem lhe paga?

JM – Os concertos são pagos, por concerto. Portanto, se houver concertos, há dinheiro, se não houver concertos, não há dinheiro.

PS – Em termos de rendimento médio, considera o seu rendimento adequado ao exercício da sua atividade profissional?

JM – Podia ser mais bem pago. Podia haver mais trabalho. Se houvesse mais trabalho, era mais bem pago. Mas vivo bem dentro da média.

PS – Normalmente quem contrata os seus serviços?

JM – Isso tem a ver com o tipo de música que se toca. Se, por exemplo, tocar com os Desbundixie, que são uma banda de jazz dos anos 20, trabalhamos muitos para câmaras, é trabalho típico a recibo verde. Se for para bares, já é diferente. Isto não se devia dizer aqui, mas não há assim muito recibos.

PS – Desenvolve alguma estratégia específica para promover a sua atividade?

JM – Em termos de marketing não. Só usamos o Facebook para promover o nosso trabalho nas redes sociais.

PS – Quando decidiu ser músico profissional teve em conta a sua sustentabilidade financeira?

JM – Não. Nem sequer cheguei a pensar nisso. Quando dei por mim a trabalhar já era músico.

PS – Quais são os critérios que norteiam a seleção das atividades musicais em que trabalha? Tem algum critério para aceitar ou não os trabalhos?

JM – O ponto de vista económico é sempre muito importante. Temos de trabalhar. Mas se puder selecionar um bocadinho a qualidade, claro que seleciono. Preocupo-me em tocar com bons músicos, ter trabalhos feitos em condições.

PS – Disse-me há pouco que a sua área era o Jazz. Mas também toca outros géneros. Porquê?

JM – Também pelos motivos financeiros. Em Portugal não se ouve muito Jazz, mas também gosto de tocar nos bares de pop, fado...

PS – Em algum momento equacionou mudar de profissão?

JM – Não. Até porque não sabia bem o que havia de fazer.

PS – O que lhe dá mais prazer na sua atividade?

JM – É sem dúvida fazer boa música, com bons músicos que sejam bons amigos e em que todos tenham prazer naquilo que estão a fazer.

PS – Que comentário lhe merece o atual panorama musical em Portugal?

JM – Está um bocado anti-músicos. Cada vez mais, mesmo nos estúdios, a música é feita por máquinas, já se recorre pouco aos músicos. Depois o tipo de música que se vende, também não é tocada, os músicos são dispensadas. A era dos quizombas e dos DJ's. Já tivemos melhores dias.

PS – Qual é a sua ideia sobre o seu papel na sociedade como músico?

JM – Considero que é um papel extremamente importante, não só porque a cultura é muito importante para cada país, mas porque a arte traz alegria às pessoas. Causar uma sensação boa nas pessoas.

PS – Como acha que a sociedade em geral o vê a si como músico profissional?

JM – A maioria das pessoas tem admiração. Reconhecem e dão valor aos artistas.

PS – Nunca se sentiu discriminado?

JM – Não. Há pessoas que têm alguma inveja do nosso trabalho ser mais alegre e acham que a música não devia ser uma profissão.

PS – Alguma vez foi tocar sem lhe apetecer?

JM – Já aconteceu. Como em qualquer profissão, nem sempre estamos bem e por isso é natural.

PS – O que diria a um jovem músico que opte por uma carreira profissional?

JM – Aconselhava a estudar, acima de tudo, é o mais importante. Trabalhando bastante acho que os resultados aparecem. Há sempre espaço para as pessoas que trabalham e fazem boa música.

PS – Quais as características pessoais e profissionais que salienta em si?

JM – Sou um rapaz humilde, bom trabalhador, gosto de tocar, gosto de estar com amigos, fazer boa música. Sou amigo do meu amigo.

PS – Resta-me agradecer ao João por me ter concedido esta entrevista e perguntar se quer acrescentar alguma coisa que não tenha sido perguntado.

JM – Nada a acrescentar.

PS – Ok, muito obrigado e continuação de bom trabalho.

JM – Muito obrigado.

Entrevista a Mário Carreira

Paulo Sanches – Estamos em Leiria, dia 19 de novembro, pelas dezassete horas e vou entrevistar o Mário Carreira, no âmbito do meu mestrado em gestão cultural. Mário aceita colaborar nesta entrevista?

Mário Carreira – Sim.

PS – Posso divulgar os dados da entrevista e o seu nome?

MC – Pode sim senhor

PS – Posso gravar a entrevista?

MC – Pode.

PS – Dizia-me por favor a sua idade?

MC – Quarenta e nove.

PS – Formação académica?

MC – Tenho o 11ºano incompleto e tenho cinco anos do conservatório.

PS – Instrumento base?

MC – Baixo.

PS – Tem uma ideia de há quantos anos trabalha?

MC – Uns trinta e cinco anos.

PS – Como e quando surgiu a sua paixão ou interesse pela atividade musical e as influências nessa sua escolha?

MC – Surgiu ainda miúdo, com sete, oito anos. Sempre gostei de música, não foi por razão nenhuma especial. Ninguém na minha família tocava, foi uma paixão individual.

PS – Falou do conservatório, como foi essa passagem e o que o levou a ir?

MC – O conservatório foi um bocadinho o ganhar tempo para mostrar aos meus pais que eu podia viver da música. Nem foi grande interesse académico meu. Mas ainda frequentei alguns anos.

PS – Quais os aspetos que considera terem sido mais importantes para a sua actividade enquanto músico?

MC – A paixão pela música. A ambição de tocar numa banda e de fazer uns espetáculos.

PS – Teve consciência do momento em que se tornou músico profissional? Ou aconteceu por acaso?

MC – A situação de me tornar músico profissional foi mais quando eu também comecei a assumir as minhas despesas pessoais, aí a gente dá uma certa importância. Até ali, eu ganhava dinheiro, mas era para comprar instrumentos, para adquirir informação, livros, vídeos. Mas há sempre aquele momento em que a gente pensa que é preciso dinheiro para comprar um carro, para pôr gasóleo, e aí tomei consciência de que fazia falta esse dinheiro que eu ganhava com a música.

PS – E isso ocorreu com que idade?

MC – Por volta dos dezoito, dezanove anos.

PS – O que faz concretamente no seu dia-a-dia, no âmbito da sua atividade?

MC – Além de continuar a praticar, tenho de tirar músicas e escrever as partituras das músicas para os vários trabalhos que eu faço. Também ouço bastante música para me atualizar da situação, para não ficar para trás com aquilo que as pessoas ouvem, devido ao meu trabalho nos bares, tenho de estar atualizado.

PS – Tem alguma área específica, em termos de trabalho?

MC – Não. Como trabalho com vários tipos de projetos diferentes, não tenho nada de específico.

PS – A sua remuneração é mensal, semanal ou ao dia?

MC – Normalmente recebo por trabalho, conforme o trabalho, recebo individualmente por cada um.

PS – Portanto num mês com mais atuações, mais rendimento. Menos atuações, menos rendimentos.

MC – Não é um rendimento mensal fixo. Tenho que eu fazer a minha gestão. Não gastar, se ganhar muito num mês, o plafond todo. Nunca sei se no próximo mês vou ter tanto trabalho ou não.

PS – E quem é que lhe paga?

MC – Normalmente, ou as bandas que me contratam, ou os donos dos bares, ou os donos dos espetáculos é que me pagam diretamente.

PS – Qual o seu rendimento médio mensal? Considera tal rendimento adequando ao exercício da sua actividade profissional?

MC – Já foi melhor, em tempos. Atualmente não é um pagamento tão bom, mas gerindo bem as coisas, consegue-se viver.

PS – Desenvolve alguma estratégia específica para promover a sua actividade?

MC – Não. A minha estratégia é fazer um bom trabalho sempre que me contratam e isso acaba por passar de boca em boca.

PS – Acompanha também alguns artistas, pode-nos dar alguns exemplos?

MC – Luís Portugal, Mário Abrantes, Mikael Carreira...

PS – Quando decidiu ser músico profissional teve em conta a sua sustentabilidade financeira?

MC – Sim, houve essa preocupação. Principalmente porque não é uma situação estável. Hoje pode estar bom, daqui por dois anos pode ser mais difícil. Como a paixão pelas coisas também era forte, não tomei isso cem por cento em conta.

PS – Tem algum critério que o norteia na seleção das actividades musicais? Aceita todo o tipo de trabalho musical ou escolhe mais o que quer fazer?

MC – Normalmente faço uma escolha. Não tanto pela questão musical, mas mais pela questão de com quem eu trabalho. Como a música é uma paixão minha, pelo menos quero fazê-lo com pessoas que gosto. Se não gostar do ambiente que se vive numa banda ou numa situação, tento não fazer. Mais pela camaradagem.

PS – Alguma vez equacionou mudar de profissão?

MC – Não.

PS – Do que mais gosta na sua actividade?

MC – É mesmo o tocar, mas também toda a convivência inerente. Conhecer muita gente, também as viagens. Mas principalmente pela música.

PS – Que comentário lhe merece o atual panorama musical em Portugal?

MC – Penso que a palavra certa é desorganizado. As pessoas são um bocado individualistas e acaba por não se criar um núcleo duro para que as coisas funcionem e que esta seja uma classe protegida. Que haja apoios, bem feitos, sem serem só para uns ou para outros. Sem elitismos nas coisas. Tudo muito desorganizado e muito localizado, nas editoras, que só vêem uma coisa: lucro.

PS – Qual acha sobre o seu papel na sociedade, enquanto músico?

MC – O meu papel é, principalmente, fazer com que as pessoas que estejam à minha roda se sintam bem, que estejam divertidas e que principalmente despenalizem aquilo que é um

problema, que afinal não é problema nenhum se tivermos outra abordagem às coisas. Essa é a minha principal função, deixar as pessoas bem-dispostas, de bem com a vida.

PS – E como acha que a sociedade o vê a si, como músico?

MC – Não tenho razão de queixa. As pessoas têm uma boa opinião de mim. Tenho fazer por isso. Toda a gente me acarinha e tem um certo respeito por mim.

PS – O que diria a um jovem músico que opte por uma carreira profissional?

MC – Principalmente que trabalhe a sério. Não é uma profissão fácil. Tem altos e baixos, só com trabalho é que se consegue levar as coisas para a frente. Como isto parece tudo um divertimento, não pensar que isto não é uma profissão séria.

PS – Quais as características pessoais e profissionais que salienta em si?

MC – Sou uma pessoa bastante profissional. Em termos de horários, em termos de cumprir com o trabalho. Não sou pessoa conflituosa com as demais pessoas com que trabalho nos projetos onde toco. Não há exigências que me sejam feitas que eu não cumpra.

PS – Agradeço imenso o contributo que nos deu. Não sei se quer acrescentar alguma coisa que não tenha perguntado.

MC – Basicamente, ouçam música e deem valor aos músicos, que é uma coisa importante.

PS – Obrigado Mário.

Entrevista a Sérgio Paulo

Paulo Sanches – Boa tarde. Estamos no dia 14 de novembro, em Leiria. Vou entrevistar o Sérgio Paulo, no âmbito do meu mestrado em gestão cultural. Antes de mais queria perguntar ao Sérgio se aceitar colaborar?

Sérgio Paulo – Sim.

PS – Posso divulgar os dados da entrevista e o seu nome?

SP – Sim.

PS – Posso gravar a entrevista?

SP – Sim.

PS – Diga-me qual é a sua idade, formação académica, o instrumento base e há quantos anos trabalha na música?

SP – Tenho trinta e oito anos. Sou licenciado em Educação Musical e o meu instrumento base é o piano. Trabalho na área da música desde os meus quinze anos.

PS – Como e quando surgiu a sua paixão ou interesse pela atividade musical? Consegue identificar as principais influências nessa sua escolha?

SP – Iniciei a aprendizagem da música com dez anos, numa escola de música, numa filarmónica. Comecei por tocar bateria. A partir daí, surgiu uma possibilidade de ingressar numa outra escola de música paralela aos instrumentos de filarmónica, onde iniciei a aprendizagem do teclado. Desenvolvi todo um percurso ligado a várias formações que tive a possibilidade de integrar enquanto músico.

PS – Quais os aspetos que considera mais importantes enquanto músico?

SP – Numa primeira fase, o meio onde estava envolvido. Apesar de ser meio relativamente pequeno, tinha bastantes músicos e, à época, havia alguma facilidade em chegar a todo um conjunto de aprendizagens musicais.

PS – Teve consciência do momento em que se tornou profissional?

SP – Não. Foi um percurso em que houve algumas condicionantes que motivaram que enveredasse exclusivamente pela área da música, mas não posso apontar um dia ou um ano em que tivesse decidido tornar-me músico profissional. Foi uma coisa perfeitamente natural.

PS – O que faz concretamente no seu dia-a-dia, no âmbito da sua atividade profissional?

SP – Basicamente o meu dia-a-dia ligado à música prende-se com a audição de alguns temas, com intuito de enriquecer o repertório que já tenho. Dedico bastante tempo à parte mais técnica, em termos de mexer com software ligado à música, trabalhar com teclados na parte de programação. Resume-se a estas vertentes.

PS – Dentro da música, qual é a sua área específica?

SP – A minha área mais específica é a parte de animação. Entretenimento e animação.

PS – Em termos de remuneração, é mensal, semana, ao dia? Quem lhe paga? Como funciona este processo?

SP – A remuneração é feita mediante a prestação de um serviço, digamos assim. Quando tenho atuações, recebo. Quando não tenho, obviamente não recebo. Não tenho uma remuneração fixa.

PS – Está a dizer-me que se num mês não tiver atuações, não recebe nada?

SP – Exatamente.

PS – Num mês que tenha muitas atuações recebe mais...

SP – Recebo mais, sim.

PS – Pode dizer-me qual é o seu rendimento médio mensal e se o considera adequado ao exercício da sua atividade profissional?

SP – O rendimento médio não é fácil de calcular. O número de serviços vai variando anualmente. Não é fácil ter um valor médio. De qualquer das formas, atendendo a que a maior parte da população subsiste com o ordenado mínimo, posso dizer que aquilo que recebo satisfaz as minhas necessidades.

PS – Desenvolve alguma estratégia específica para promover a sua atividade?

SP – Mais ao nível da divulgação da minha atividade nas redes sociais e também pela diversificação. Procura de novos mercados e novos tipos de trabalhos.

PS – Pode dizer-se que o seu marketing é mais nas redes sociais?

SP – Sim.

PS – Como e quem contrata os seus serviços?

SP – Na grande maioria dos casos, são contratos diretos. Pessoas que me conhecem de outras atuações e que me voltam a contatar para fazer novos trabalhos. Alguns trabalhos vêm das redes sociais, dessa divulgação, mas basicamente é sempre contatos diretos.

PS – Quando decidiu ser músico alguma vez teve em conta a sua sustentabilidade financeira?

SP – Inicialmente, é provável que não. Mas a partir do momento em que se começa a constituir família, isso é um fator determinante.

PS – Quais os critérios que norteiam a seleção das atividades musicais em que trabalha?

SP – Quer a vertente financeira, como o gosto pessoal, são determinantes. No entanto, por vezes, temos de fazer alguns trabalhos que podem não ser rentáveis financeiramente, mas são mais rentáveis em termos de gosto pessoal. E o oposto também acontece.

PS – Em algum momento equacionou mudar de profissão?

SP – Não.

PS – Do que mais gosta na sua atividade?

SP – Gosto essencialmente do contato com o público e o contato com os outros músicos.

PS – Que comentário lhe merece o panorama musical em Portugal?

SP – Estando substancialmente melhor que há alguns anos, parece-me que cada vez mais as pessoas vêm apenas o lado economicista da música. Ou seja, grande parte dos trabalhos que são feitos têm em vista o lado económico e a venda. Têm pouco carácter artístico e mais monetário.

PS – Qual acha que é o seu papel na sociedade, como músico?

SP – A atividade de músico, em termos sociais, não é muito bem vista. É frequente as pessoas perguntarem “então e para além da música, fazes mais o quê?” – partem do pressuposto que a pessoa que está a tocar não pode viver exclusivamente da música. Tem de fazer música como hobby e depois tem de ter uma profissão normal, com horário das nove às cinco e depois como hobby tem a música.

PS – Como acha que a sociedade o vê como músico profissional?

SP – No fundo só aquelas pessoas na televisão é que podem almejar a esse estatuto de músico profissional. Todos aqueles que não aparecem na comunicação social, não o podem ser.

PS – No entanto, acha que tem um papel importante na sociedade? Relevante?

SP – Eu penso que o papel que desempenho é importante não só enquanto músico, mas também enquanto pessoa que trabalha com crianças na vertente musical. Penso que é um papel bastante importante, apesar de não ser devidamente reconhecido, na minha opinião.

PS – O que diria a um jovem músico que opte por uma carreira profissional?

SP – Optar por uma carreira profissional é sempre um ato complexo. Em primeiro lugar a pessoa tem de gostar mesmo daquilo que faz. Pensar bem se é aquilo que quer como futuro ou se quer ver a música apenas como um part-time e um passatempo. Se for para isso, não implicará grandes esforços e grandes sacrifícios. Se pensar em assumir a música como estilo de vida e como profissão, tem de se preparar para grandes sacrifícios. Quer pessoais, quer económicos, quer a nível familiar. O tipo de vida que um músico é obrigado a ter não é propriamente fácil, como a grande maioria das pessoas possa pensar.

PS – Quais as características pessoais e profissionais que salienta em si?

SP – A humildade e o empenho que coloco em todos os projetos em que me envolvo.

PS – Quero agradecer ao Sérgio Paulo por conceder esta entrevista e perguntar se quer deixar algumas palavras sobre algo que julgue ser importante e que não tinha sido perguntado?

SP – Não. No global a entrevista acaba por focar os aspetos mais importantes da atividade. Não pretendo acrescentar mais nada.

PS – Muito obrigado.